



ÍNDICE

- 1 CARTA AOS LEITORES
- 2 ENTREVISTA
PAULO RAFUL – A Queda e a Ressurreição
- 12 ENTREVISTA
LAURO RAFUL – A Vida, o Jogo e a Sorte
- 24 TEXTOS TRADICIONAIS
- 25 PARA LEMBRAR-SE DE SI (Jeanne de Salzmann)
- 29 A REALIDADE FUNDAMENTAL (William Segal)
- 30 CONTATO COM A INTELIGÊNCIA (Fran Shaw)
- 31 UM SOL INTERIOR COMEÇA A APARECER (Fran Shaw)
- 32 A ATENÇÃO DESPERTA ENERGIAS ADORMECIDAS (William Segal)
- 34 CONHECIMENTO E AÇÃO (Thomas Cleary)
- 35 A CONFERÊNCIA DOS PÁSSAROS (Farid ud-Din Attar)
- 36 ARTIGOS
- 37 A HIDRA DE LERNA EM MIM (Mariett Regina Rozner)
- 39 BREVE RETROSPECTIVA (Sonia Maria Corrêa)
- 40 A FORÇA E A EFICÁCIA DOS MANTRAS (Maria de Lourdes Baptistella)
- 42 A VERDADEIRA LIBERDADE (Maria Aparecida R. De Stefano)
- 44 IMPERMANÊNCIA (Maria Teresa Ribeiro Fortes)
- 46 DESVELANDO A NATUREZA DO FEMININO (Cíntia Fernandes Contreiras)
- 48 PEQUENOS COMENTÁRIOS SOBRE FRASES DE G. I. GURDJIEFF
(Maurício da Costa Melo, Sonia Maria Corrêa, Beatriz Guiseline, Carla Galvão,
Edvane Fani Henrique e Maria Teresa Ribeiro Fortes)
- 52 CRÔNICA ANÔNIMA DO SÉCULO XVI
- 53 TAROT DA ALQUIMIA
- 54 O TAROT E A ALQUIMIA (Márcia Kondratiuk)
- 55 Carta n° 07 – “O Pássaro de Hermes”
- 56 Carta n° 08 - “Dois Pássaros Interdevorando-se”
- 57 Carta n° 09 – “O Rei do Mundo”
- 59 POESIAS
- 60 ORAÇÃO DA UNIDADE (Marcos Belfiore)
- 61 QUEM É? (Márcia Kondratiuk)
- 63 ORIGEM (Carla Galvão)
- 64 A FORÇA DA ALEGRIA (Gineton Alves Pereira)
- 65 MÚSICA E SILÊNCIO (Guilherme Albert Vigar Hahne)
- 66 HISTÓRIAS DE MULÁ NASRUDDIN
- 67 DELICIOSO IOGURTE
- 68 O FIM DO MUNDO
- 68 O AVARENTO
- 69 A ÁRVORE E O IDIOTA
- 69 QUEM PODE AFIRMAR?
- 70 HUMOR
HQ'S DE QUINO

SER
PERIÓDICO DA ESCOLA
GURDJIEFF SÃO PAULO
Agosto 2011

EDITORES
Paulo A. S. Raul e Lauro de A. S. Raul

COORDENAÇÃO GERAL
Carmem Sílvia de Carvalho
Maria Aparecida Ramos De Stefano

COMITÊ EXECUTIVO
Carmem Sílvia de Carvalho
Maria Aparecida Ramos De Stefano
Heloísa Margarido
Renato Batata
Elisa Yoshimura

PROJETO GRÁFICO
Mauricio Nisi Gonçalves

TRADUÇÃO DOS TEXTOS TRADICIONAIS
Maria Aparecida Ramos De Stefano

REVISÃO DE TEXTOS
Maria Aparecida Ramos De Stefano
Maria Eugênia da Rocha Nogueira

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS
Elisa Yoshimura
Heloísa Margarido

ESCANEAMENTO DE IMAGENS
Carmem Sílvia de Carvalho
Maria Aparecida Ramos De Stefano

TRATAMENTO DE IMAGENS
Renato Batata

IMAGENS
Páginas 2/3/12/13 (Paulo Raul e Lauro Raul):
Fotos de Saul Nahmias
Páginas 29/30-31/60: Fotos de Renato de
Aguiar Cardoso
Páginas 62-63: Detalhe da *Anunciação*,
de Leonardo da Vinci (ca.1472)
Páginas 67/68/69: ilustrações retiradas
do livro *Nasreddin Hodja*, Istambul
Páginas 71/72: HQ de Quino

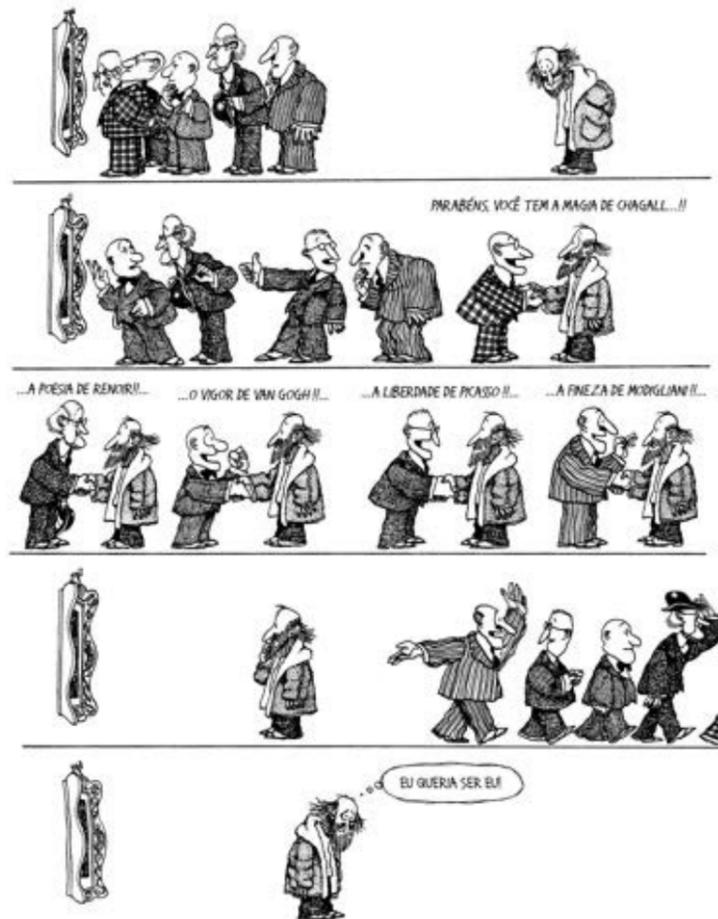
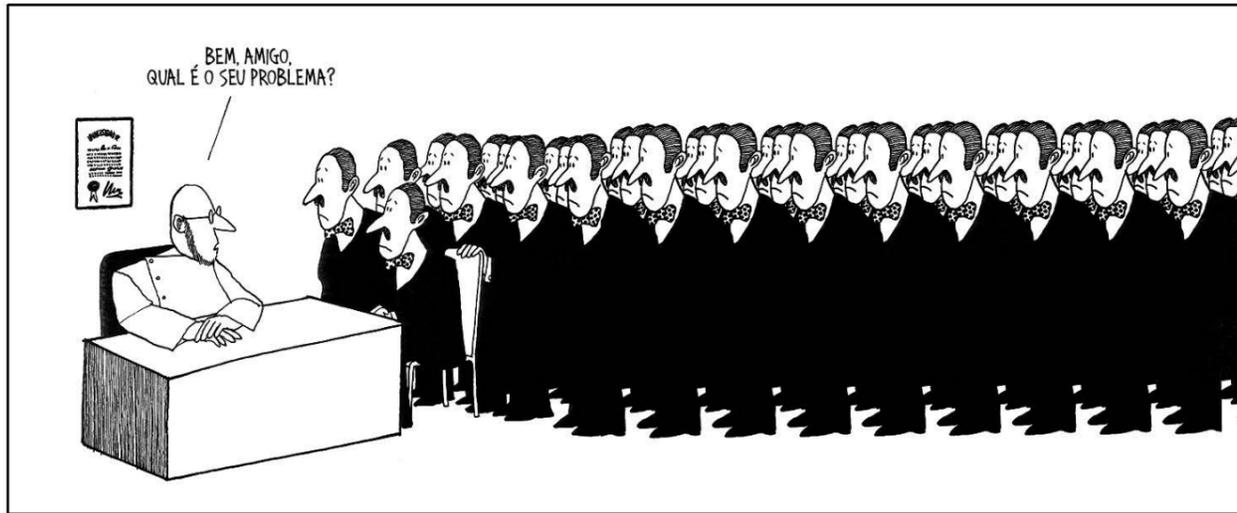
CAPA
L'Enfant Blessé, de Gustave Doré
4ª CAPA
Cartas de vários Tarots arranjadas em leque
por Lauro Raul

COLABORAÇÃO:
IMAGENS E LIVROS RAROS
Ilda Soban

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Copy Center

© COPYRIGHT
Paulo A. S. Raul e Lauro de A. S. Raul

EDITORA ESOATENCA
Caixa Postal 60.010 – São Paulo SP
CEP: 05096-070
contato@ogrupos.org.br
www.ogrupos.org.br



CARTA AOS LEITORES

O número 15 da revista SER é uma vitória, pois significa que conseguimos completar o percurso de sete passos mais uma vez e que estamos começando uma nova etapa, plena de boas possibilidades e realizações.

E a magia continua permeando cada seção da revista.

Paulo Raul, em sua entrevista, aborda o tema "A queda e a ressurreição", levando-nos a refletir e a questionar nossa condição humana e divina. Lauro Raul, por sua vez, fala de "A vida, o jogo e a sorte", levando-nos a compreender melhor os altos e baixos de nossa existência. E os textos tradicionais, misteriosamente, complementam o conteúdo das entrevistas.

Os artigos dos alunos também refletem o momento tão especial que a Escola está vivendo, em que a qualidade do ensinamento e da vivência interior pode ultrapassar a barreira do tempo e do destino, pode alegrar e simplificar o caminho espiritual. E ainda há mais: as histórias de Mulá Nasruddin, o humor de Quino, etc.

Para finalizar, gostaríamos de lembrar o texto final do capítulo "Invocação", no livro "A Conferência dos Pássaros", de Farid ud-Din Attar:

– "Meus amigos! Somos vizinhos uns dos outros; eu quisera repetir-vos meu discurso dia e noite, para que não deixásseis, nem por um momento, de ansiar por sair à procura da Verdade".

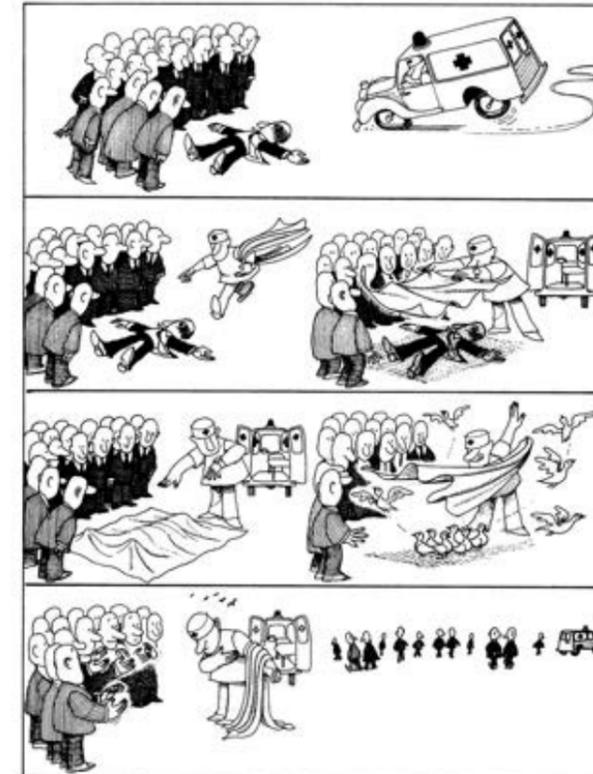




ENTREVISTA

Paulo Raul

A QUEDA E A RESSURREIÇÃO

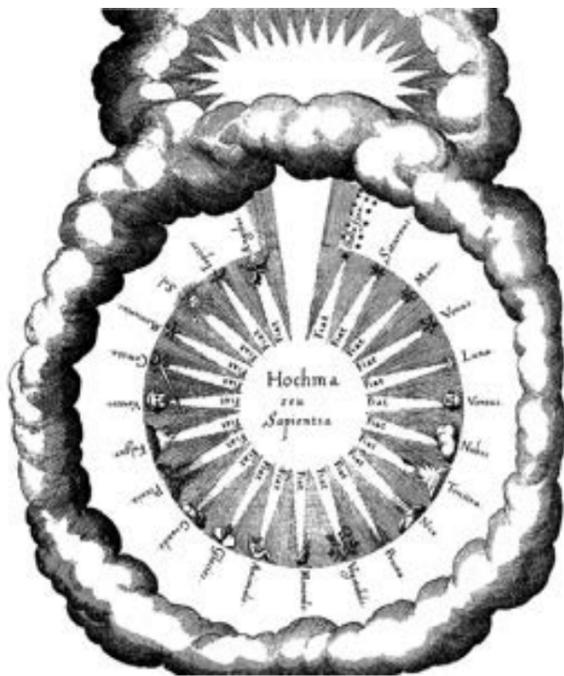


HUMOR



REVISTA SER: O que significa Queda e Ressurreição?

PAULO RAFUL: Na verdade, vocês escolheram um tema difícil de ser abordado, pois exige uma compreensão prévia do que é o ser humano. Para falar sobre este tema, terei de fazer uma distinção entre o leitor comum e o que tem trabalho interior e, portanto, uma visão mais ampla do assunto. Para compreender a queda de uma maneira mais abrangente, temos de recuar no tempo e ir muito além do planeta Terra. Os ensinamentos tradicionais têm uma visão do assunto que aparentemente não corresponde à visão científica contemporânea. E não há problema nisso, uma vez que a visão científica contemporânea não pode ir além de dados e fatos que ela pode comprovar experimentalmente. Os ensinamentos tradicionais trabalham de forma diferente, isto é, a partir de uma tomada de consciência que vai além do plano racional e, por isso, compreende o ser humano de outra forma. A ciência lida com fatos que pertencem ao campo mental, racional. Já as escolas de trabalho interior vão muito além, pois a consciência pertence a um plano acima do mental. Feita essa introdução, vamos ver o que essas escolas tradicionais falam sobre a



Esta imagem da Cabala identifica o ponto primordial com a sabedoria de Deus, a sua Sophia. R. Fludd, *Philosophia Sacra*, Frankfurt, 1626.

estrutura real do ser humano. A colocação fundamental é a de que o ser humano tem um corpo que, basicamente, é produto da Terra e algo que podemos chamar de Alma, Inteligência ou Consciência, que tem uma materialidade mais fina, pois vem de um plano muito alto do Universo. Para compreendermos o que a ciência atual entende sobre a formação dos seres vivos e do homem em particular, vamos lançar mão de seus estudos sobre as origens do Universo.

A teoria mais aceita pela ciência nos diz que o Cosmo foi formado a partir do Big Bang (grande explosão). Segundo essa teoria, toda a matéria existente no Universo estava concentrada no chamado "átomo inicial" ou "ovo cósmico" e uma incalculável quantidade de energia, depois de intensamente comprimida, repentinamente explodiu. Após essa explosão, formaram-se átomos cujos núcleos maiores e mais pesados geraram o interior das estrelas, que se formaram pela aglomeração de grandes quantidades da matéria primordial.

A evolução estelar aponta para as estrelas supernovas, que durante a sua vida, geraram o carbono e demais átomos. Presume-se que todos os componentes foram espalhados no meio interestelar a partir das supernovas, que funcionaram como usinas produtoras dos elementos que compõem o Universo. Foram, portanto, as explosões de supernovas que semearam nas galáxias a matéria prima para posteriores nascimentos de estrelas.

A explosão de uma supernova pode expulsar para o espaço até 90% da matéria de uma estrela. Substâncias químicas foram criadas pela aglomeração de átomos em moléculas e os seres vivos originaram-se do agrupamento de vários tipos de moléculas em estruturas complexas.

Portanto, toda a química do nosso corpo vem das estrelas. Isso é uma coisa inimaginável! O ferro, por exemplo, um elemento absolutamente básico no Universo e um dos principais componentes do nosso sangue, foi formado no interior dessas estrelas.

RS: Há ferro na Lua e nos outros planetas?

PR: Seguramente há, mas em quantidade diversa. Então, o ferro que corre nas nossas veias, sem o qual seríamos



A ÁRVORE E O IDIOTA

No povoado em que vivia, Hodja tinha fama de possuir poderes sobrenaturais.

Numa ocasião, um grupo de vizinhos reuniu-se e pediu-lhe que fizesse uma demonstração de tais capacidades.

A princípio, Nasruddin recusou-se, mas depois aceitou. Deteve-se diante de uma árvore e, em seguida, disse:

— Queridos amigos, por causa de vossa insistência, eu farei esta árvore vir em minha direção.

Em seguida, ordenou:

— Saia de onde está e venha até mim!

Passaram-se vários minutos e, vendo que a árvore continuava imóvel, Nasruddin começou a caminhar até ela, enquanto dizia:

— Em minha terra natal nos orgulhamos de algo: é que se as árvores não caminham, os idiotas por certo caminham.



QUEM PODE AFIRMAR?

Certo dia, o sultão disse a Nasruddin:

— As pessoas razoáveis sempre veem as coisas da mesma maneira.

— É exatamente este o problema das pessoas razoáveis — respondeu Hodja. Entre elas há aquelas que veem apenas uma possibilidade quando, na verdade, existem pelo menos duas.

O sultão, então, convocou os sábios do reino para que explicassem essa afirmação, mas eles acharam que Nasruddin não passava de um idiota.

No dia seguinte, Nasruddin desfilou garbosamente pela cidade montando seu burro de costas, isto é, com seu rosto voltado para a cauda do animal.

Foi até o palácio, de onde o sultão e seus conselheiros haviam assistido a tudo, e disse:

— Alteza, por favor, pergunte-lhes o que acabaram de ver.

O sultão fez o que Nasruddin lhe pedia e todos disseram:

— Um homem que está montando seu burro de costas para a frente.

— Eis justamente o problema — replicou Nasruddin — Quem pode afirmar que eu não estou corretamente montado, e que o burro é que está de costas, e ninguém percebeu?

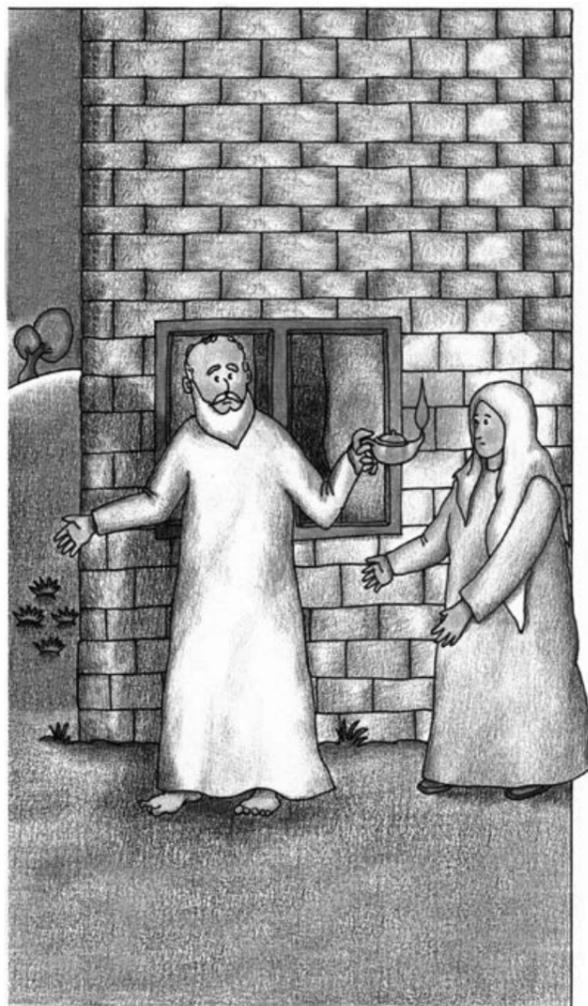




O FIM DO MUNDO

Um amigo de Nasruddin, perguntou-lhe:

- Hodja, quando será o fim do mundo?
- Qual fim do mundo? – respondeu.
- Que queres dizer? Quantos fins do mundo há?
- Dois – disse –, o Menor e o Maior. Quando minha mulher morrer, será o Fim Menor do Mundo. Mas quando eu morrer, aí sim, será o Maior.



O AVARENTO

Hodja banhava-se à beira de um lago, quando escutou um homem que de dentro d'água gritava desesperado.

– Socorro! Estou me afogando! Ajudem-me!

Várias pessoas se aproximaram rapidamente do lugar, entre elas Nasruddin.

– Dê-me sua mão, dê-me sua mão – pediam-lhe as pessoas da margem, mas o homem, apesar do perigo, não reagia.

Nasruddin, então, aproximou-se e gritou-lhe:

– Tome a minha mão!

Rápida e automaticamente o homem agarrou com toda a força sua mão e pôde ser salvo.

Os outros que haviam tentado ajudá-lo não compreendiam por que o homem não estendera seu braço até a chegada de Nasruddin. Este, então, explicou-lhes:

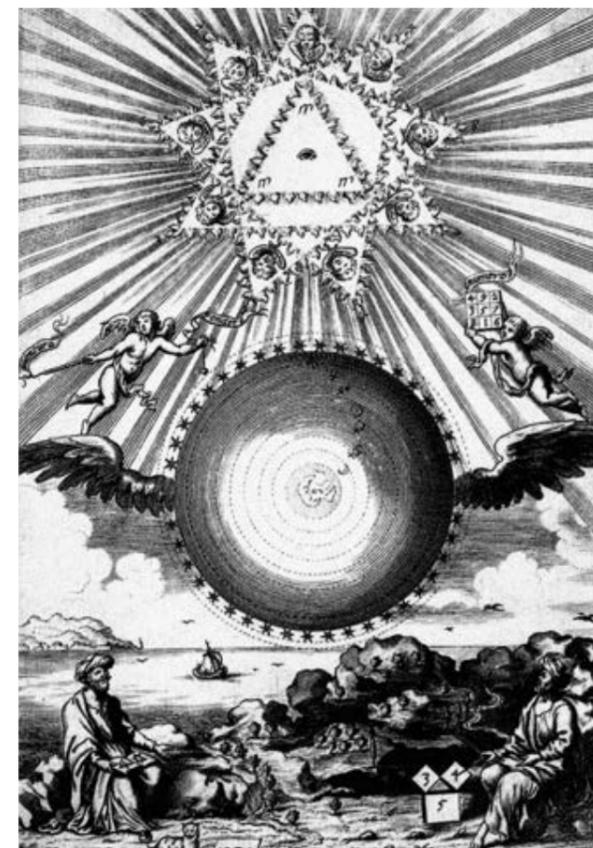
– Vocês não perceberam que eu gritei “tome” e não “dê-me” a mão. Ora, este indivíduo é um reconhecido avarento, que sempre tomou e nunca deu nada; ele sempre pensou, em sua estúpida avareza, que, se “toma”, está ganhando algo.



prio Ouspensky o fez, num determinado momento – é o que mais caracteriza o ser humano, pois obviamente ele tem uma inteligência que nenhuma outra espécie dentro do planeta possui.

RS: *É o que o afasta do animal.*

PR: Não só do animal, também do vegetal. O que vemos dentro do planeta Terra é uma graduação de inteligência que tem seu pináculo no ser humano. E isso não é especulativo. As Escolas tradicionais, ao contrário da ciência, trabalham em um plano suprarracional, que pode ser aceito ou não pelas pessoas. O processo meditativo nos leva a esse plano de Inteligência suprarracional. Todas as técnicas que levam ao processo meditativo – essa é uma expressão que não costumamos utilizar, mas vamos utilizá-la aqui para facilitar a compreensão do leitor – visam transportar a inteligência humana a um plano acima do racional que, embora seja de extrema importância, não atinge os níveis do suprarracional. Isso não é difícil de ser demonstrado: um cachorro, por exemplo, não tem um mental pensante, racional, mas tem um dado nível de



Do mesmo modo que Deus desceu até nós, seres humanos, assim também teremos de nos elevar até Ele pelo mesmo caminho, semelhante à escada de Jacob. A. Kircher, *Arithmologia*, Roma, 1655.

anêmicos e morreríamos, vem desse plano, do plano estelar. Por que nos interessa fazer essa introdução? Porque, nesse aspecto, há uma confluência muito grande entre a ciência e o pensamento das Escolas tradicionais. A ciência comprova, pois, que toda matéria tangível existente no Universo tem a mesma origem. É claro que a matéria prima espalhada no Universo ganha contornos e formas diferentes nos diversos lugares em que ela se manifesta. Na Terra, entre outras formas, ganhou a forma humana. Em Saturno e em Júpiter, ela se manifesta sob a forma de gases. Mas a origem de toda a matéria prima do Universo é a mesma. Compreendido e aceito esse ponto, não é tão absurdo imaginar que, de uma maneira que a ciência evidentemente não vai poder comprovar, a nossa inteligência vem também desse plano estelar. A Inteligência – estou usando este termo no lugar de Consciência, como o pró-



A Divina Forma Humana. William Blake, *Albion's Dance*, ca. 1794.





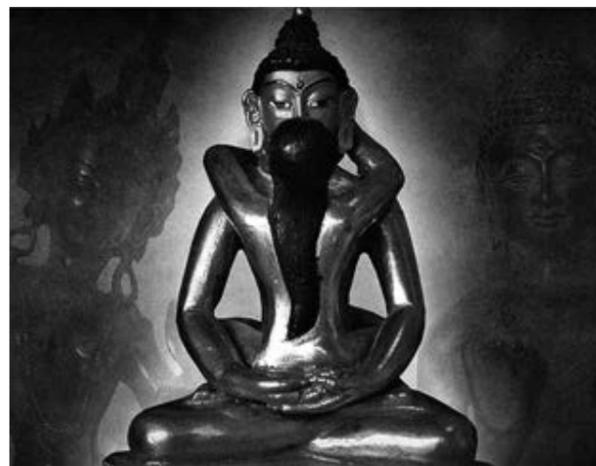
A Queda. Lucca Giordano, 1634-1705.

inteligência. Portanto, o mental pensante é uma coisa e a Inteligência é outra. Outro exemplo: não vou dizer que o meu fígado pense, no sentido de um mental pensante, mas ele tem uma inteligência que resolve as questões pertinentes a ele. Para quem vivencia o processo meditativo, a diferença entre o mental pensante e a Inteligência é uma certeza, mas, para quem não o experimenta, essa diferença não passa de uma hipótese.

O que acabo de expor serve para chegarmos à seguinte conclusão: o ser humano é, de um lado, uma estrutura físico-química que vem de um plano superior a este planeta, mas se desenvolve e estrutura aqui; por outro lado, é também uma inteligência que não se origina na Terra. Essa inteligência ou consciência, como queiram chamar, ao vir para este planeta, enfrenta obrigatoriamente as

contingências da formalização que a matéria prima da qual ela é irmã vai-lhe oferecer. Assim, segundo os ensinamentos tradicionais, há duas coisas diferentes que podem ser chamadas de inteligência e matéria prima ou de consciência e energia. Os hindus, por exemplo, falam em Shiva e Shakti, sendo que Shiva simboliza a consciência e Shakti, a energia.

A partir disso, voltemos à pergunta: o que é a Queda? É o processo através do qual a Consciência ou Inteligência se enreda, se aprisiona, no jogo de necessidades típicas da matéria prima, da energia. Para ilustrar o que estamos dizendo, vamos imaginar uma pessoa que esteja momentaneamente tranquila. Ela se alimentou bem e não tem problemas pressionando-a. Nesse momento, uma fina inteligência pode fazê-la apreciar a natureza ou a sua própria casa, por exemplo, pois, nessa hora, a inteligência está livre, leve... Agora imaginem essa mesma pessoa horas depois, sentindo fome, uma dor qualquer ou até mesmo um intenso prazer. Com certeza, ela vai-se afundar nessas sensações. No primeiro momento, ela é mais inteligência e menos imposição do organismo; no segundo, a inteligência está aprisionada nas condições impostas por seu organismo. A tradição chinesa fala no Yin para se referir à energia ou matéria prima do Universo e em Yang para se referir à consciência ou inteligência. Portanto, a consciência ou inteligência está obrigatoriamente ligada a um organismo.



Shiva e Shakti. Imagem da tradição hindu.

DELICIOSO IOGURTE

Precisando muito de dinheiro, Nasruddin tomou a decisão de fabricar e vender iogurte.

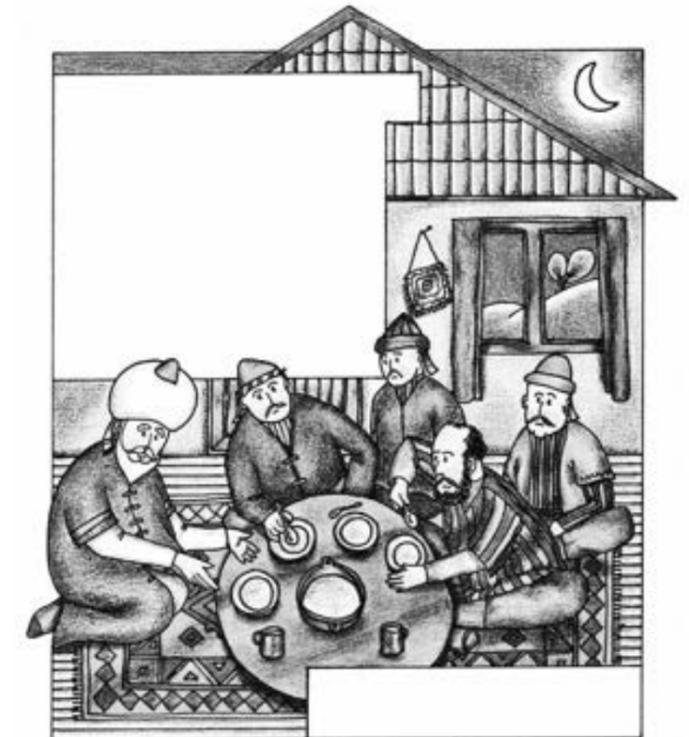
Devido à sua inexperiência, só foi possível aproveitar uma pequena parte do alimento. Pegou então um pote, encheu-o de barro e por cima de tudo colocou uma fina camada do iogurte.

Imediatamente, dirigiu-se ao mercado e ofereceu-o a um amigo que tinha um armazém.

Este, antes de pagar-lhe, resolveu provar a mercadoria. Pegou, então, uma colher, mexeu o iogurte e, no mesmo momento, surgiu o barro reluzente.

— Mas, Nasruddin — exclamou, surpreendido, o comerciante —, debaixo desta fina camada de delicioso iogurte há um barro nojento!

— É natural — disse Hodja —, sempre que se mexe algo que é delicioso por cima, pode-se encontrar uma surpresa desagradável por baixo.





RS: Isso é a Queda.

PR: Perfeitamente! A Queda é essa Inteligência que, associada à Energia, acaba esquecendo completamente o sentido de sua origem, devido ao predomínio absoluto, quase que invencível, do organismo. Isso não tem nada de diabólico nem é uma maldição, porque a primeira obrigação da Energia é perpetuar-se. Isso é inerente a ela. Todo o esforço que a Energia, ou seja, que a Vida faz é no sentido de se perpetuar. Basta olhar as árvores: elas morrem, mas antes têm a florescência, pois se reproduzem. O ser humano é devastado por todas as guerras possíveis, mas está sempre se reproduzindo, fazendo a espécie prosseguir, porque essa é uma lei inexorável do lado Energia do Universo.

RS: É a lei da continuidade?

PR: Sim, e por quê? Porque o Universo precisa ser sustentado e a Inteligência não tem essa obrigação, isso não faz parte da sua natureza, não é o seu papel. A natureza da Inteligência é ser inteligente, é tomar consciência, é ser luz. Por isso, uma pessoa que pende para o lado da Inteligência, como um cientista ou um filósofo, por exemplo, muitas vezes se esquece até de comer.

Se olharmos para os dados que os estudos científicos nos mostram, constatamos que o Universo inteiro está reduzido a um constante choque de corpos celestes, de explosões, de buracos negros que sugam tudo. Se olharmos



Lao-Tse. Imagem da tradição taoísta.

tudo isso através do nosso processo pensante racional, chega um momento em que vamos desanimar, porque nada mais vai fazer sentido. Se não formos para um plano além do racional, além do mental, não vamos nunca compreender esse processo de forma satisfatória.

Voltando ao ponto de partida, a Queda é exatamente isso – é o aprisionamento da Inteligência que somos no organismo humano. O ser humano está sempre lutando para não ser um mero animal que quer conquistar o outro pelas armas. Mesmo Jesus Cristo, Buda e Lao Tse tentaram ver um sentido na vida. Esse é o grande problema da Queda! É disso que se tentou falar de uma maneira quase infantil no Gênesis, quando trata da desobediência de Adão e Eva. As Escrituras sugerem que o problema todo da Queda se restringe a uma desobediência infantil: Adão e Eva não acataram

a ordem do Pai. Mas se penetrarmos no simbolismo do Gênesis, quando Deus pega o barro, isto é, a terra e molda um boneco, vemos que isso corresponde à matéria, à Energia. O sopro de Deus nas narinas de Adão corresponde à Alma, à Inteligência que ele deposita no homem. Portanto, o boneco de barro e o subsequente Sopro Divino correspondem respectivamente à matéria prima e à Inteligência. A partir disso, Adão e Eva passam a viver no Jardim do Éden. O que é o Jardim do Éden? Éden significa delícia, ou seja, um estado de ser sem conflito, um estado de ser harmônico.

HISTÓRIAS de Mulá Nasruddin

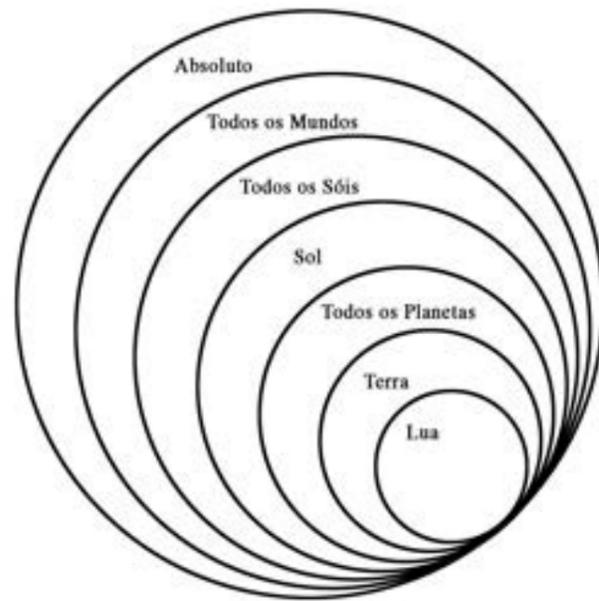
- Delicioso iogurte
- O fim do mundo
- O avarento
- A árvore e o idiota
- Quem pode afirmar?

RS: No Éden eles estão supridos de tudo.

PR: Sim, no Éden reina a ordem; nele não há nenhuma carência. Onde há carência não há delícia. Toda carência nos incomoda. Mesmo um bilionário tem suas carências. Se estivermos com fome, não estaremos em estado de delícia. Num determinado momento, Adão e Eva são expulsos do Paraíso, isto é, perdem o estado de delícia em que se encontravam. É que essa grande emissão – que o Ensino gurdjieffiano chama Raio de Criação –, essa explosão de vida, não pode parar no plano Divino. Ela tem obrigatoriamente de continuar e isso cria consequências. É como uma flecha ou uma bala que se atira: só vai parar quando a energia que a emitiu se esgotar. Essa energia que Deus coloca no barro e no sopro vai prosseguir. Por isso, Adão e Eva descem para o nosso plano, para o plano da labuta e têm de vestir roupa. Vestir-se significa que incorporaram definitivamente um organismo.



A expulsão do Paraíso. Giuseppe Cesari, 1568-1640.



Raio de Criação. Esquema apresentado no Ensino gurdjieffiano.

RS: Significa que eles encarnaram.

PR: E ao encarnar, cortaram a ligação com a Inteligência original. Isso é a Queda, ou seja, o adormecimento de que fala o Ensino. É essa a conclusão a que quero chegar.

RS: Então tudo está ligado à aquisição de um corpo.

PR: Está totalmente ligado.

RS: É muito complicado ter um corpo.

PR: Por uma razão fácil de compreender, a culpa não é do corpo. Nesse jogo duplo de consciência de um lado e organismo do outro, o organismo tende a obscurecer completamente a Inteligência, porque ele precisa da Inteligência para sobreviver. Precisamos comer e nos proteger. E por causa disso acabamos esquecendo que estamos em um organismo, mas que somos uma Inteligência maior.

Na prática, notamos que a inteligência se desenvolve na medida em que os problemas surgem. Desenvolvemos competências quando surgem os problemas e temos de resolvê-los. O homem primitivo, por exemplo, diante de

MÚSICA E SILÊNCIO

Guilherme Albert Vigar Hahne

Chama em meu peito
Um som, um tempo
Algo saudoso e lento
Que consigo leva
Como dança
O falatório, que nunca descansa.

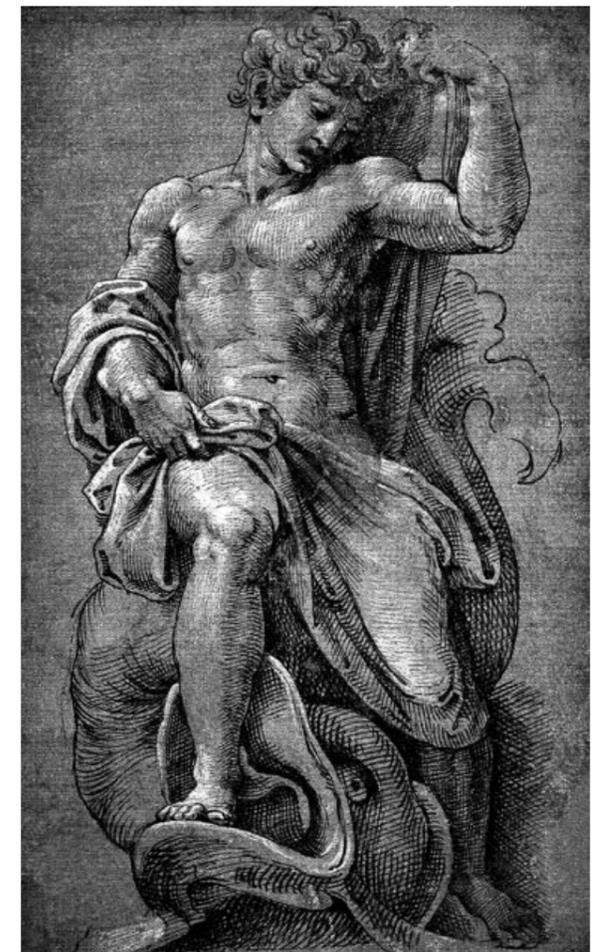
Repouso ali
Como caboclo
Vendo a boiada
Passando em revoada...

Não há pressa
Não há propósito
Uma música convite
A um Silêncio sem limite.

Dentro do silêncio
Caem mil mentiras
Perdem o laço
Evaporam
Sem deixar traço.

Voltam a ser o que sempre foram:
Poeira.

Jonas na baleia. *Jonas*. Giovanni da Udine (1487-1564).



A FORÇA DA ALEGRIA

Gineton Alves Medeiros

O verdadeiro bem é belo,
É algo nobre e singelo,
Não imita nada por nada,
Não segue moda ou manada.

Aprender me faz senhor,
No tempo, eu enfrento o que for.
Ao contrário, como bolha,
Flutuo sem própria escolha.

Nossa força principal
É a doce alegria humana,
Essa emoção natural
Transforma e nos irmana.

Para germinar a semente,
A terra fértil é trabalhada,
De chuva e sol, dependente,
Sem isso... é nada por nada.

Rico ou pobre, herói ou nobre,
O corpo do barro é feito,
Como casca de ovo, encobre
A essência do bem perfeito.

Nossa força principal
É a doce alegria humana,
Essa emoção natural
Transforma e nos irmana.

Eu respiro vida sem alarde,
Calor sutil, chama que arde.
Alento, alma, luz da certeza,
Fonte do amor e da beleza.

Nossa força principal
É a doce alegria humana,
Essa emoção natural
Transforma e nos irmana.

um rio, deve ter-se perguntado como faria para chegar à outra margem e disso surgiu a ideia de construir um barco ou uma ponte. A Inteligência, portanto, existe como potencial, mas, para crescer, precisa do problema. A estrutura da vida é, na verdade, uma condição favorável ao desenvolvimento da Inteligência. No entanto, como estamos em queda, ficamos revoltados com qualquer problema que surja durante a nossa vida. Estar em queda significa não ter a compreensão de que é preciso desenvolver a Inteligência. Isso porque vivemos identificados com o organismo e tudo que o incomoda, vemos como uma agressão por parte do destino, da Providência Divina ou da natureza. Sob esse ponto de vista mais amplo, que compreende a realidade do ser humano, podemos falar justamente o contrário: os problemas da vida nos preparam para o caminho da Ressurreição.

Já podemos agora nos perguntar: o que é a Ressurreição? É o regresso à origem. E nisso os ensinamentos tradicionais se distanciam da ciência que estuda apenas a emissão do Universo, mas não tem o sentido da reabsorção. Ressurreição é reabsorção. Essa afirmação apoia-se nos ritmos da natureza e nas Escrituras Sagradas, que nos falam no Gênesis que Deus exalou, soprou nas narinas do boneco de barro, do Adão primordial. Na verdade, Deus exalou a Sua Inteligência.

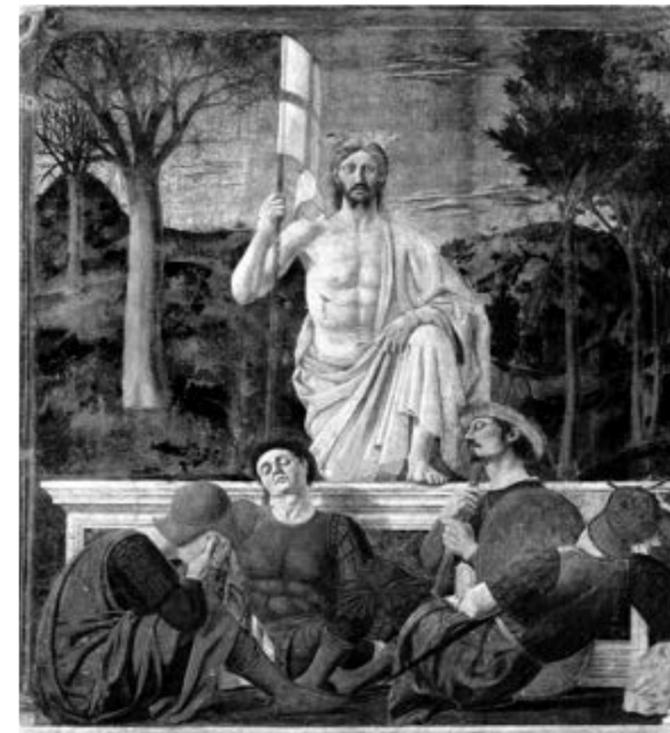
Para falar de maneira mais tangível, melhoramos nossa qualidade quando respiramos melhor. Por exemplo, se nos fechamos em um quarto pequeno, sem ventilação, onde não entra oxigênio, e ficarmos respirando ali por muito

tempo, vai chegar um momento em que aquele ar fica irrespirável, porque começamos a inspirar o gás carbônico que nós mesmos exalamos. É esse o processo da reabsorção: voltar a respirar o ar que o Divino exala em nossas narinas, o sopro da Inteligência, em vez de nos identificarmos com os problemas relativos às contingências orgânicas. Dessa forma a nossa inteligência vai-se ampliando e com ela se expande o sentido da vida, da natureza ao nosso redor. A Ressurreição é o processo de ampliar a Inteligência ou, em outras palavras, de despertar a Consciência, se você preferir, porque, insisto, estamos empregando as palavras Inteligência e Consciência como sinônimas.

RS: *Que papel a energia tem nesse processo?*

PR: A sua pergunta é pertinente porque o binômio Energia/Inteligência é inseparável. Para que haja o refino da Inteligência tem de haver, simultaneamente, o refino da Energia. Por exemplo, se me deixo comandar exclusivamente pelo estômago, ou seja, pela energia de ter de comer muito, de viver me empanturrando, é porque estou dominado por esse plano

energético, o do centro instintivo, e minha inteligência fica reduzida. Falando a partir de um segundo plano: se sou muito passional, se vivo dominado por ódios e ressentimentos, ou mesmo se sou um sentimental, que chora por qualquer motivo, também estou dominado por um tipo de energia, a do centro emocional, que não favorece a minha inteligência. Falando agora a partir de um terceiro plano, o do centro motor, se sou muito agitado fisicamente, frenético, também não favoreço a evolução



A Ressurreição. Piero della Francesca.



A ressurreição do Rei. Figura da Alquimia.

da minha inteligência. E finalmente, falando a partir de um quarto plano, do centro mental, se sou completamente comandado por um mental embrutecido, sem lucidez alguma, não permito a evolução da minha inteligência. Logo, segundo o Ensino gurdjieffiano, que nesse ponto acompanha o Ensino de outras tradições, para haver Ressurreição, ou seja, evolução da Consciência, da Inteligência, é preciso haver um refinamento energético nesses quatro centros. Isso porque, se sou, por exemplo, alguém cujo mental acredita no último slogan que um político lançou como sendo a verdade final, ou se fico felicíssimo ao receber elogios, ou se estou sempre com o corpo rígido, duro, agitado, ou ainda se tenho um corpo doente, que não me proporciona um mínimo de conforto, terei grandes dificuldades para desenvolver uma inteligência mais fina.

A sua pergunta, portanto, é crucial, na medida em que fica claro nos ensinamentos tradicionais que, para haver Ressurreição – a transmutação da Inteligência –, tem de haver um refinamento dessas quatro energias que nos compõem. E estou deixando de lado a energia sexual que, embora seja extremamente importante para a Ressurreição, deve ser tratada à parte, com um desenvolvimento muito amplo que não cabe nesta entrevista.

Para facilitar a compreensão do tema Ressurreição, vamos simplificar um pouco o assunto em termos de macros-

mo, reduzindo tudo para a escala Sol, Terra e Lua, como se o Sol simbolizasse as estrelas de nossa galáxia ou o sopro do Gênesis, e a Terra, o lado energético, a matéria prima. O Sol, quando age sobre a Terra, ajuda a formar desde o mais humilde ser unicelular até os seres humanos. Darwin, com sua teoria da evolução, percebeu que há uma enorme aspiração das espécies deste planeta à evolução. É claro que nós, seres humanos, somos capazes de interrogar o próprio Universo, interrogar acerca da nossa própria existência, coisa que não é possível aos animais. Um dos valores mais importantes para nós é a lucidez, ou seja, a luz. É como se a vocação do ser humano fosse solar, no sentido de ser mais luz. Ressurreição, antes de tudo, é tornar-se solar. O Sol nos dá luz, vida e calor, ou seja, inteligência, força e afeto. No cristianismo, São Paulo nos fala em Fé, Esperança e Amor (ou Caridade). Transpondo para as qualidades do Sol, podemos dizer que a Fé seria a luz que nos aproxima da Inteligência Divina, do conhecimento supraracional; que a Esperança seria a vida que nos permite existir para que possamos evoluir e o Amor ou Caridade seria o calor que sentimos e emanamos, e que nos leva à união com os outros seres. Todos nós já vivenciamos momentos de contato com a natureza, em que nos percebemos integrados com o mar, com a montanha, com uma árvore ou com uma corrente de água. Nesses momentos há uma comunhão da Inteligência com a Energia, que nos dá um sentimento de ser, de existir.



Após a ressurreição do Rei, os cinco súditos o reverenciam e se colocam a serviço.



ORIGEM

Carla Galvão

Na origem, EU SOU verdade,
sem idade nem vaidade,
estou na dança,
sou feliz, sou criança.

Na origem, EU SOU sol,
o calor emana sem fronteiras
do mais profundo do secreto,
sou silêncio, sou seletor.

Na origem EU SOU sabedoria,
tudo sei, nada afronta,
o medo não alcança,
sou arqueiro, sou a lança.

Na origem EU SOU amor,
tudo sou, nada quero,
tudo dou, nada espero,
tudo tenho, nada retenho.

Na origem EU SOU livre,
sem nome nem renome,
sem endereço, nem adereço,
sem formato, nem contrato,
sou Deus a cada ato.

Quem é essa que vive em mim?
 Não são meus defeitos e temperamento,
 Minha sensibilidade aos cheiros
 E o pavor de vento na cabeça,
 Nem tampouco os meus talentos,
 Dons anônimos da natureza.

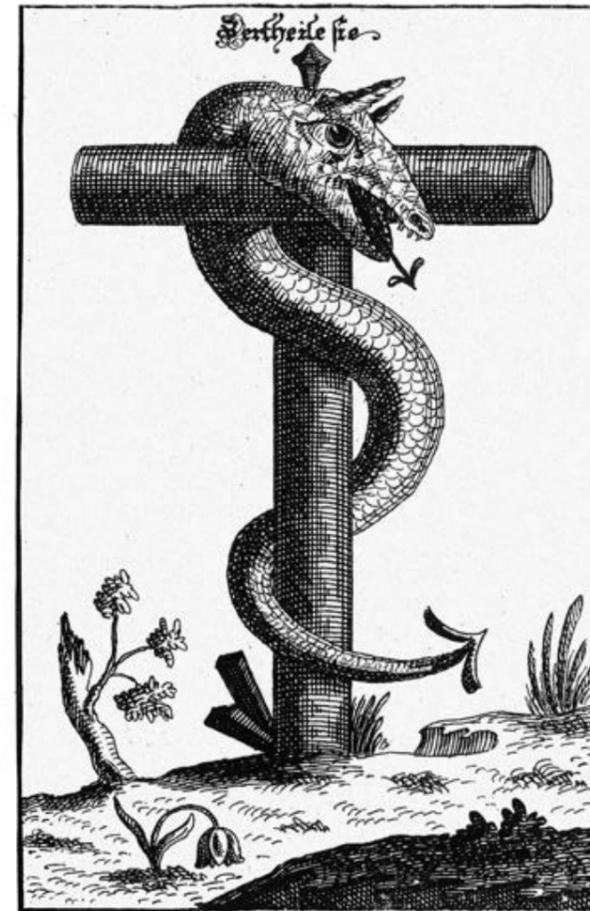
Quem é essa que vive em mim?
 Não minhas idiossincrasias,
 Não minha história de vida,
 Não a minha genealogia,
 Nada daquilo que aprendi,
 Nada daquilo que construí.

Não as minhas emoções,
 Não meu imposto de renda,
 Não minha conta bancária,
 Não minha cor e etnia,
 Não os projetos guardados,
 Não as minhas preocupações.

Não as minhas circunstâncias,
 Não o meu tempo e lugar,
 Não as doenças que tive,
 Não o meu DNA,
 Não as histórias que invento,
 Não a minha imaginação.

Não são os amores e amigos,
 Não a tão cara família,
 Não a minha profissão,
 Não o sucesso e o fracasso,
 Não os meus tantos defeitos,
 Não meus interesses de ocasião...

Não sou o que pensava
 Nem o que queria ser – pobre querer
 Sem saber nem qualidade!
 Sou produto da Vontade
 Do Ser maior que o meu ser pensou.
 Simples, extraordinariamente
Eu sou.



As duas naturezas – terrestre e celeste – na visão da Alquimia.
 Abraham Eleazar, Leipzig, 1760.

Em geral, vivemos confinados em nosso corpo, sujeitos aos desejos muitas vezes provenientes dos nossos hormônios naquele momento, aos nossos interesses mundanos, sem o sentimento de expansão, de Ser. Voltando ao Sol, poderíamos dizer que o ser do Sol é todo o campo gravitacional dele. A Lua também tem seu campo gravitacional, e sabemos que sem ela não haveria vida aqui na Terra. Esse campo possibilita uma série de processos na Terra, sem os quais nosso planeta também não se desenvolveria. É ela que comanda as marés, os ciclos de gestação na mulher e a menstruação, enfim, tudo isso para dizer que o ser da Lua ou do Sol tem um imenso campo gravitacional, influenciando tudo que está ao seu redor. Podemos fazer uma analogia entre

esses astros e o campo gravitacional do nosso Ser. O Ensinamento gurdjieffiano fala em homem número um, dois e três para qualificar respectivamente os homens que gravitam em torno do próprio corpo, como os atletas, por exemplo, os que giram em torno das emoções, como os artistas, por exemplo, e os que gravitam em torno da cabeça, como os intelectuais. Esses homens têm um campo gravitacional muito restrito, muito acanhado, porque evoluem apenas parcialmente. Não desenvolvem seus centros para que se purifiquem e se alinhem, por isso, distanciam-se muito do desenvolvimento da Inteligência.

RS: *Queda e Ressurreição são os temas centrais do livro Relatos de Belzebu a seu Neto, escrito pelo Sr. Gurdjieff. Os outros Ensinamentos tradicionais também utilizaram esses símbolos?*

PR: Todos eles. No cristianismo fala-se disso diretamente. Outras tradições falam em exílio para se referir à queda. A tradição hindu fala em Prajapati, o deus que se corta em pedaços. A tradição egípcia menciona Osíris, que é esquartejado e depois ressuscitado por Ísis. A fragmentação, a explosão é sinônimo de queda. O começo do Universo é a fragmentação, há algo que explode e se fragmenta. É esse o problema fundamental do ser humano.

RS: *Essa descrição do começo do Universo, das estrelas que explodem, dos Buracos Negros que engolem tudo me lembra do princípio "trogo-autoegocrático" de que fala o Sr. Gurdjieff em seu livro Relatos de Belzebu a seu Neto.*

PR: É isso mesmo, o maior está sempre comendo o menor. Esse princípio está no Universo todo. Está nas empresas, nas nações e nas pessoas. Uns querendo comer os outros.

Devemos sempre nos perguntar: "Qual é a finalidade da nossa existência?" Seria ficarmos separados de tudo, confinados às necessidades do nosso corpinho, fechados em nosso egocentrismo? Não, com certeza a grande meta deveria ser nos desenvolvermos interiormente, tendo o Sol como parâmetro. Ser como o Sol que, com seu imenso campo gravitacional, irradia luz, vida e calor, ou seja, que é portador de Fé, Esperança e Amor. Essa deveria ser a meta da nossa existência.



QUEM É?

Márcia Kondratiuk

Quem é essa que vive em mim?
 Não é quem registra estes versos,
 Dedilha com habilidade motriz,
 Nem a que enrugando a fronte
 Persegue um pensamento que escapa
 Por um triz.

Quem é essa que vive em mim?
 Não é quem espicha o olho para o vidro,
 Cobiçando as ruas ensolaradas,
 E suspira contando as horas
 De ficar entre quatro paredes
 Burocráticas.

Quem é essa que vive em mim?
 Não é a que tem grandes planos
 De redação, a que se debate à toa
 Entre a disciplina da obrigação
 E o apelo dos desejos
 Que no coração ecoa.

Quem é essa que vive em mim?
 Não é a que tem uma história
 Sem mistério, nem a dona deste rosto
 Que guarda tanta memória!
 Não é o que me ficou para trás
 Nem o futuro fugaz.

Quem é essa que vive em mim?
 Não é a biblioteca que eu li,
 Não as desilusões que sofri,
 Não os países que visitei,
 Os homens de que me enamorei,
 Os lábios em que passo batom.

Quem é essa que vive em mim?
 Não é a fúria que às vezes fala
 Pela garganta da loba,
 Capaz de atacar tão rápido
 Quanto pode se enternecer o peito
 Por uma criança de colo!

Quem é essa que vive em mim?
 Não é quem dormiu e acordou na hora,
 Quem de tênis e boné assistiu
 Ao nascer do sol, beijou e tomou café,
 Quem sorriu, conversou e decidiu
 Começar hoje mesmo uma grande obra!

Quem é essa que vive em mim?
 Não é a que sofre remorsos
 Pelas palavras loucas, os atos
 Sem justiça, a falta de presença,
 Não é este peito que arfa
 Ao fim de cada sentença.

Quem é essa que vive em mim?
 Não é a filha de minha mãe,
 Não é a xerox de meu pai,
 Não é a mana que embora legal
 Gosta de viver tão apartada,
 Não é uma rês nessa boiada.

Quem é essa que vive em mim?
 Não é a data de minha aposentadoria,
 Não é o fundo que tenho no banco,
 Não é o que gasto na padaria,
 Não é minha casa ideal pra viver,
 Nem os amigos de churrasco e cantoria.

ENTREVISTA

DIÁLOGOS COM UM HOMEM DE ATENÇÃO

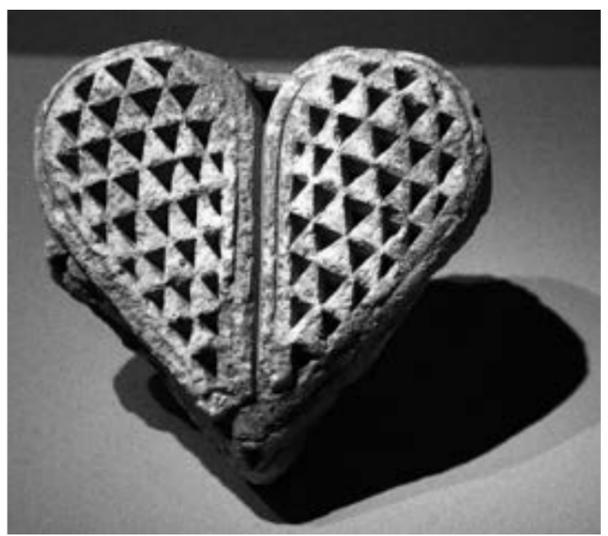
Lauro Raful

A VIDA, O JOGO E A SORTE

ORAÇÃO DA UNIDADE

Marcos Belfiore

EU SOU luz, EU SOU luz, EU SOU luz
EU SOU a perfeição manifestada na matéria
EU SOU a harmonia dos doze raios solares
implantada no centro do meu peito
EU SOU caminhando em direção ao SOL
EU SOU UM com os Mestres Ascensionados,
Anjos e Arcanjos
EU SOU paz, EU SOU amor, EU SOU luz





REVISTA SER: No Google, existem milhares de resultados para a palavra jogo. Há uma oferta enorme de tipos de jogo oferecidos como entretenimento. Para a maioria dos seres humanos, desde a infância, jogar sempre foi o lazer predileto. Por que o jogo atrai tanto as pessoas?

LAURO RAFUL: Talvez porque o ser humano tenha a intuição de que a vida é um grande jogo, embora a maioria não tenha a real consciência disso. Entender que a vida é um grande jogo, um jogo por sinal bastante aleatório, é ter a verdadeira dimensão dela. Em inglês existe o verbo "to play" que pode significar jogar, atuar e também brincar. Essas três coisas fazem parte do gosto inato das pessoas. Todos nós gostamos de uma brincadeira, gostamos da sensação refrescante de jogar. Quase todos os jogos provocam uma descarga de adrenalina no sangue. É isso que dá o frisson de vida e é por isso que o jogo atrai tanto os seres humanos.

RS: As pessoas, em geral, jogam para ganhar. E nesse caso, o que atrai não é a simples brincadeira. O jogo mexe com a sensação de poder das pessoas?

LR: Sem dúvida, a competição é fundamental no jogo. As pessoas querem competir, querem mostrar que são melhores que as outras. Veja no esporte, por exemplo. Não existe o esporte pelo esporte, a competição pela competição. Isso porque, na competição, quem está à frente é o nosso ego. Cada um quer competir para ser melhor que o outro, para se apoderar do outro. No

futebol, por exemplo, se um garoto é ruim no campo, ele se sente menosprezado pelos que jogam bem esse tipo de jogo. No grande jogo da vida, há sempre uns querendo ser melhores que os outros.



Cigana. Ilustração do livro *La Cartomancie*, de Dessuart.

No livro *O Senhor das Três Energias*,¹ na página 138, encontramos uma grande lição sobre a verdadeira finalidade do jogo: "Eu sempre ganho, mesmo quando perco. Hoje perdi apenas dinheiro, mas em compensação tive de trabalhar a arte da estratégia para perder menos. Ganhei em estratégia. A arte do jogo é como a arte da guerra: perdem-se algumas batalhas, mas o essencial é ganhar na média. No jogo, como em qualquer empreendimento, é necessário um bocado de sorte."

RS: O que é sorte?

LR: A questão da sorte está muito bem enquadrada numa frase do grande poeta Luiz de Camões, que diz: "No mundo não existe boa sorte, senão quem teve por boa a que tem". Às vezes, tomamos por sorte algo que vai-nos trazer infelicidade. Por exemplo, receber uma grande herança familiar pode não se revelar como boa sorte.

RS: Às vezes, a boa sorte pode dar uma virada total na vida da pessoa.

LR: Sim, se a pessoa ficar dependente do que ganhou, se não desenvolver nenhuma qualidade, pode perder tudo

¹ Suleyman Raphael, Editora Esoatenca, São Paulo, 1991.



POESIAS

- Oração da Unidade
- Quem é?
- Origem
- A força da alegria
- Música e Silêncio



do qual fazemos parte, alimenta-se das nossas emoções negativas que nascem dos impulsos biológicos, e, ainda, de toda atitude ou emoção gerada por um mental associativo, não discriminativo e não iluminado pela consciência.

O Rei aconselha a mantermos bem firme o Dragão sob nossos pés. Ele não pode ser morto, pois sem ele também morreríamos. O dragão dos desejos precisa nos doar seu *élan*. Entretanto, há que ser mantido sob controle, para que não faça nada sem permissão do Eu. O homem que se tornou Rei desta forma apregoa sua majestade e domínio sobre todos os outros seres vivos da Terra. A estatura do Rei é sem comparação entre os homens, ele vê tudo e todos de uma perspectiva superior e tem poder sobre tudo o que lhe é inferior em posição, tanto o criado pela natureza, quanto o gerado pelo engenho e arte dos homens. Se o Homem nº 4 é o que começa a se diferenciar do homem mecânico, o Rei pertence à categoria dos Homens nº 5.

Toda a sua primazia vem do fato de que ele *já possui* tudo aquilo que deseja. O que faz o homem comum ser fraco, servil, inseguro e sem caráter, a não ser o desejo de conseguir algo que ele não tem? Mas aquele que se tornou Rei possui a força. A sua força é genuína, não vem de nenhum outro homem nem instituição, mas ele a forjou no centro do seu peito, ela vem do Alto. Da mesma forma, ele possui saúde plena e vida longa. Possui o ouro e a prata e todas as riquezas da Terra, embora não dê a elas um valor exagerado. Além disso, possui o dom da cura, pois conhece os remédios dos mais simples aos mais complexos, e assim restabelece o equilíbrio. O homem que aprendeu a curar a si mesmo também é capaz de curar seu semelhante.

Este que é Rei do Mundo chegou aonde chegou por seu próprio mérito. Ele não nasceu na nobreza, mas



com as dificuldades de sua casta inferior fez uma escada para galgar o mais alto posto. Isto ele conseguiu graças à natureza que recebeu do Mais Alto, o qual, para ser exaltado por suas criaturas, deu-lhes a capacidade de extrair ensinamentos preciosos de todo e qualquer sofrimento ou dificuldade, e assim ascender em dignidade e nobreza. O homem torna-se Rei do Mundo extraindo do pior o melhor, e conquistando o mais alto grau de sua realeza. Não há, na verdade, nobreza verdadeira a não ser aquela que é conferida pelo esforço, pelo empenho, com uma meta. Somos todos seres dotados em alguma medida, agraciados pelo Alto com talentos e dons, mas *tentar sempre* é o que nos faz Reis do Mundo. Tal é o significado do epíteto dado por Hermes, o deus mitológico que nos ensina os atributos do Mais Alto através dos nomes e da linguagem.

Se a Carta nº 9 apareceu para você, saiba que ela se refere à própria essência do trabalho interior.

e cair em desgraça. Quase todas as histórias que contamos aqui na Escola, baseadas em histórias tradicionais, falam de alguém que perde tudo o que tem e isso acaba se revelando como a sua verdadeira boa sorte. Podemos dizer, então, que a sorte é relativa.

RS: *Depende do ângulo pelo qual a vemos?*

LR: Sim, existe uma frase de autor desconhecido que diz: "A má sorte, com frequência, traz boa sorte". Na realidade, a má sorte está contida na boa sorte e vice-versa.

RS: *É muito comum vermos notícias de acidentes aéreos em que se comenta que alguém perdeu aquele voo porque se atrasou no trânsito. É disso que você está falando?*

LR: Quando isso acontece, é porque a hora daquela pessoa ainda não chegou.

RS: *Quer dizer que há uma "meritocracia"?*

LR: Não, não existe meritocracia. Podemos ter certos cuidados para atrair a boa sorte. O mérito advém de prepararmos as condições necessárias para a boa sorte. Voltando à página 138 do livro *O Senhor das Três Energias*, vamos encontrar a seguinte afirmação: "Sorte é uma disposição interna e não um fator externo como usualmente se pensa. É pessoal e fruto, grosso modo, da combinação bem proporcionada de três qualidades: intenção, sensibilidade e habilidade." Assim, por exemplo, se você tem uma habilidade qualquer,

pode atrair sorte naquele ramo. Por exemplo, quem tem habilidade para encestar bolas a certa distância pode se tornar um ás do basquete.

Mas é preciso também ter a intenção. Por exemplo, para ganhar dinheiro, temos de ter essa intenção. Muitas vezes, vemos pessoas dizerem que não têm sorte na vida, que nada do que fizeram deu certo. Isso acontece porque elas não têm uma intenção firme numa dada direção. Então o que acontece? Muitas vezes a oportunidade passa ao lado e elas não a veem, porque não têm uma intenção

clara nesse sentido. Para ganhar dinheiro é preciso aguçar uma sensibilidade, uma escuta. Isso aconteceu comigo e com o Paulo a vida inteira. Por exemplo, fui escolher uma casa para um parente meu e apareceu a oportunidade de comprar a minha casa. Mas tudo começou com o meu interesse de comprar uma casa para um parente no intuito de ajudá-lo. Era um dia chuvoso e meu pai me disse que havia visto um anúncio de uma casa que parecia ser um bom negócio, mas que ele tinha jogado no lixo. Como eu estava interessado em ajudar, saí na chuva e fui procurar o anúncio dentro do lixo. Foi através do corretor que

vendeu essa casa para o meu parente que me foi apresentada a casa que acabei comprando para mim. Foi um bom negócio! Tive sorte? Na verdade eu tive a intenção de ir atrás de um bom negócio, empenhei-me nessa direção, tive a sensibilidade



Allegoria da Felicidade. Angelo Bronzino, 1564.

de perceber a boa oportunidade que ali se apresentava e, por fim, tive habilidade para negociar. Evidentemente, eu tinha os recursos necessários para isso.

RS: *Existem pessoas que são mais habilidosas do que outras para jogar? Existem famílias que não têm essa habilidade?*

LR: Todos podem ser treinados para jogar bem. Algumas pessoas, porém, gostam mais de jogar do que outras. Na minha família, por exemplo, o meu pai, apesar de vender instrumentos para jogo, nunca nos incentivou a jogar,



Para ganhar, é preciso saber jogar. Cavalo de Troia.
Iluminura do séc. XV, de Raoul Lefèvre.

pelo contrário, era contra a ideia. Logo, não fui criado para isso. O meu gosto pelo jogo apareceu quando eu já era mais velho.

RS: *Mas você foi um grande jogador, não foi?*

LR: Sim, mas a vontade e a possibilidade de jogar apareceram mais tarde na minha vida...

RS: *E como foi essa experiência?*

LR: Foi muito boa, porque fui obrigado a treinar. Eu não sabia nada sobre jogo. Comecei a jogar pôquer e aprendi muito com isso. Por exemplo, aprendi que no jogo existe a hora certa de entrar e a hora certa de sair. Isso está ligado à sensibilidade, à atenção.

RS: *Na média, você mais ganhou do que perdeu? Você tinha esse tipo de controle?*

LR: Sim, claro, o tempo todo. Eu tinha um caixa exclusivo, destinado ao jogo. E na média, eu ganhava. Quando se fala em perder ou ganhar tem-se de pensar na média. Às vezes, pode-se passar um mês inteiro perdendo, mas a média do ano pode ser boa. No texto que citei acima, está escrito: "Hoje perdi dinheiro apenas, mas em compensação tive de trabalhar a arte da estratégia para perder menos". No pôquer, por exemplo, há dias em que as cartas não entram. Nesses dias, a estratégia usada não é para ganhar, mas para perder menos. Afinal, alguém tem de perder. Temos de estar abertos à arte de perder menos. O essencial é ganhar na média. Para isso, muitas vezes temos de sair do jogo na hora certa.

Diz a escritora e poeta estadunidense Ella Wheeler Wilcox: "Tu és o arquiteto do teu próprio destino: trabalha, espera e ousa". A sorte está relacionada com trabalho, paciência e ousadia. Os grandes inventores tiveram sorte porque ousaram ter ideias que ninguém jamais tivera. Por exemplo, a criação da lâmpada, do telefone sem fio, do celular, veio de homens que ousaram pensar de uma nova forma, pensar coisas que ninguém jamais pensou.

RS: *Esses homens plantaram e colheram.*

LR: Podemos falar que eles tiveram sorte? Não, tiveram ousadia, trabalharam e o trabalho deles deu frutos. Nos negócios tudo funciona da mesma forma: é preciso ter a intenção e a ousadia, senão não se consegue nada. São fórmulas trazidas por alguns sábios provérbios como este, em inglês, que diz: "Even ill luck itself is good for something in a wise man's hand", ou seja, "Mesmo a má sorte serve para alguma coisa nas mãos de um homem sábio". Foi o que aconteceu com o herói da última história (O Gênio dos Desejos) que contamos aqui na Escola. No

TAROT DA ALQUIMIA

CARTA Nº 09 –
"O REI DO MUNDO"

seus conflitos e retornada à sua simplicidade original, ou seja, conectada com a Inteligência primordial, anterior à divisão do nosso ser terrestre. Neste novo estado de ser, surge então uma vida nova, a Fênix, ave da imortalidade, com grande poder de cura. A nova vida que surge já não tem mais o negrume dos conflitos da dualidade – bem e mal, doença e saúde, certo e errado, ignorância e conhecimento, vida e morte, etc. Ela ganhou a imortalidade que a eleva acima dos pares possíveis, acima do tempo e da morte. É apenas luz. Ela apenas "é". Um grande poder e força lhe foram concedidos por Deus, que quer que tenhamos riqueza e saúde e que realizemos maravilhas das quais nem fazemos ideia e que poucos podem compreender, embora os sábios nos falem delas amplamente.

Se a Carta nº 08 apareceu para você, saiba que ela o convida a não abandonar a suprema oportunidade que consiste no enfrentamento de suas forças internas em oposição, sob a luz da consciência.



Existe uma magia realmente, e esta reside numa transformação que pode acontecer conosco. É algo assombroso, mas que pode ser ensinado e aprendido, embora cada um o assimile segundo sua possibilidade e seu destino. Essa magia consiste em o simples mortal transformar-se em rei e senhor de sua própria vida. De fato, ele se eleva acima de tudo o que o cerca e nada haverá no mundo que o supere ou lhe faça sombra.

O homem que se tornou Rei, se pudesse falar-nos em nossa língua, diria: "Derrotem todos os seus inimigos; coloquem o pé sobre o Dragão". Ele usaria sabiamente esta imagem para que compreendêssemos que os inimigos da espécie de que nos fala não morrem nunca e nem podem ser banidos definitivamente, mas precisam ser detidos sob os pés da nossa vontade. O Dragão é constituído por tudo o que é automático em nós, que não passa pelo olho da consciência. Ele se alimenta dos impulsos naturais, rege-se pelas leis de competição e autopreservação do mundo biológico

TAROT DA ALQUIMIA

CARTA Nº 08 -
“DOIS PÁSSAROS INTERDEVORANDO-SE”

Em nossa constituição existe um espaço destinado ao reencontro do sagrado, espaço este que é simbolizado pela floresta. É na floresta que o Ser está recolhido da balbúrdia do mundo e recebe as energias da terra e do céu, como as árvores. É nesse lugar simbólico, portanto, que ele deixa de ser meramente passivo e tem a possibilidade de engendrar algo para sua própria evolução. Geograficamente localiza-se no cérebro, o lugar da dualidade primordial.

Ali está representada a dualidade essencial do Ser, por meio dos hemisférios cerebrais, esquerdo e direito. Cada um destes hemisférios é o mensageiro de uma qualidade da divindade, ambos são igualmente relevantes e imprescindíveis. São simbolizados por dois pássaros porque fazem a ligação entre a terra e o céu. Estão juntos e comunicam-se na floresta. Sua convivência, porém, está longe de ser harmoniosa, ela encarna a própria guerra inerente à vida.



Um dos hemisférios, o pássaro branco, é o canal de uma energia de ação e transformação, é o canal da libido. O outro, simbolizado pelo pássaro vermelho, é o veículo de uma energia de contemplação e conhecimento puro. Em outras palavras, pode-se dizer que o hemisfério esquerdo conduz a energia Rajas, e o hemisfério direito, a energia Tamas. Os relatos de pacientes que sofreram lesão do hemisfério esquerdo e, portanto, passaram a sentir a vida apenas a partir do direito são raros, justamente porque prescindiam das funções de raciocínio e linguagem que pertencem ao esquerdo. Contudo, aqueles que conseguiram se recuperar e estar conscientes do que viveram dão depoimento de uma experiência de bem-estar indizível, de não preocupação, de não fluir do tempo: uma experiência de eternidade. Este fato apenas ilustra a ausência de conflito e luta que seria a existência de um só pássaro na floresta. Nós nascemos com ambos e não podemos fugir ao conflito que se nos oferece.

O combate entre ambos não pode deixar de existir; na verdade, ele é fundamental para nossa autotransformação. Ambos os pássaros precisam se enfrentar e brigar. Isto significa que, na predominância de Rajas, virá necessariamente Tamas para destroná-la, e vice-versa. Não é possível viver apenas na ação, mas é igualmente impossível viver na pura contemplação enquanto não tivermos atingido outro estado de ser. Os pássaros lutam enquanto houver qualquer influxo de Rajas e de Tamas, um querendo eliminar o outro. Mas não basta para o Ser que um dos pássaros vença; é preciso que ambos sejam vencidos nessa luta, e nisto reside um grande mistério. Para que aconteça, é necessária a intervenção de uma nova força.

Essa nova força, que é Sattwa nesta linha de interpretação, será então capaz de transformar ambos os pássaros em uma “unidade”, simbolizada pela pomba branca, que nos fala da alma sublimada, purgada de

caso desse herói, que soube ousar, a má sorte, tempos depois, revelou-se como boa sorte.

RS: Ele soube aceitar as condições adversas também.

LR: Sim, soube aceitar. Num certo sentido, soube esperar. Ali não aparece a ideia de espera, mas está embutida no texto. Ele saiu pelo mundo, aceitou seu destino adverso naquele momento. Tanto que a narrativa diz que o personagem nunca se queixou de nada, nem culpou ninguém por sua má sorte. O que faz as pessoas se queixarem da má sorte? É não entenderem que a boa sorte é fruto de esforço. Muitos ficam esperando algo cair do céu, esperando que alguma voz lhes aponte o caminho da sorte. Isso pode até acontecer, mas só para quem estiver na direção certa, ou seja, tiver se esforçado, esperado e ousado. Em todos os campos é assim, inclusive no campo do amor. Muitas mulheres ficam esperando o príncipe encantado chegar, e...

RS: E vão morrer esperando.

LR: E vão morrer esperando. Há uma historinha em quadrinhos que fala disso de forma muito divertida. No primeiro quadrinho, uma princesa pega um sapinho nas mãos e diz: “Vou beijá-lo e seremos felizes para sempre”. No segundo quadrinho, ela dá um beijo nele e no terceiro aparece a figura de dois sapinhos, sorrindo, felizes para sempre. Só que ele não virou príncipe, foi ela que virou sapo! (risos)

RS: Sabemos que um jogo nunca é caótico, é algo organizado. Todo jogo possui regras que devem ser observadas pelos participantes, como tempo de duração, número de jogadores, o que é permitido, o que é proibido, etc. E você disse que a vida é um grande jogo. Portanto, se todo jogo tem regras, a vida também deve ter as suas. Qual seria então a proposta para nós, seres humanos, no jogo da vida? Seria desenvolver habilidades para jogar o jogo da vida sem estarmos sujeitos às regras do jogo?

LR: Temos de aprender quais são as regras. Nunca conhecemos todas elas. Por exemplo, ter de comer para sobreviver é uma regra. Não podemos viver sem comer, sem dormir, sem nos vestir. Temos, portanto, de dar condições de sobrevivência ao corpo físico. Aprendemos algumas normas, mas não sabemos que existem outras

para os outros níveis do nosso ser e pelas quais devemos nos interessar. E elas são muito importantes! Mas na vida corrente ninguém nos diz que existe a possibilidade de o nosso ser se desenvolver. A vida é um jogo que em si não tem o menor sentido. Qual é a regra principal do jogo da vida? A de que todos nós vamos morrer um dia. É bem desagradável, mas é “a regra”, pois ninguém vai escapar dela.

Por outro lado, ninguém diz que temos a possibilidade de evoluir nesta vida, a não ser as escolas de trabalho interior. Falamos disso o tempo todo aqui, em nossa Escola. Dizemos, por exemplo: “Treine sempre, você tem de ser bom no que faz. Quando você é bom em alguma coisa, o mundo retribui generosamente, de uma forma ou de outra. Treine sempre! Não há limite de idade para isso. Qualquer ação pode ser encarada como treino, desde varrer um espaço, catar um papel na rua e colocá-lo no lixo ou até mesmo falar com uma autoridade, fato que normalmente nos deixa tensos. Treine por amor ao treino e não pela recompensa. Ela virá no momento certo, quando você menos esperar. Treinar nos mantém vivos, alertas e prolonga nossa juventude.” Isso também está escrito no livro *O Senhor das Três Energias*.

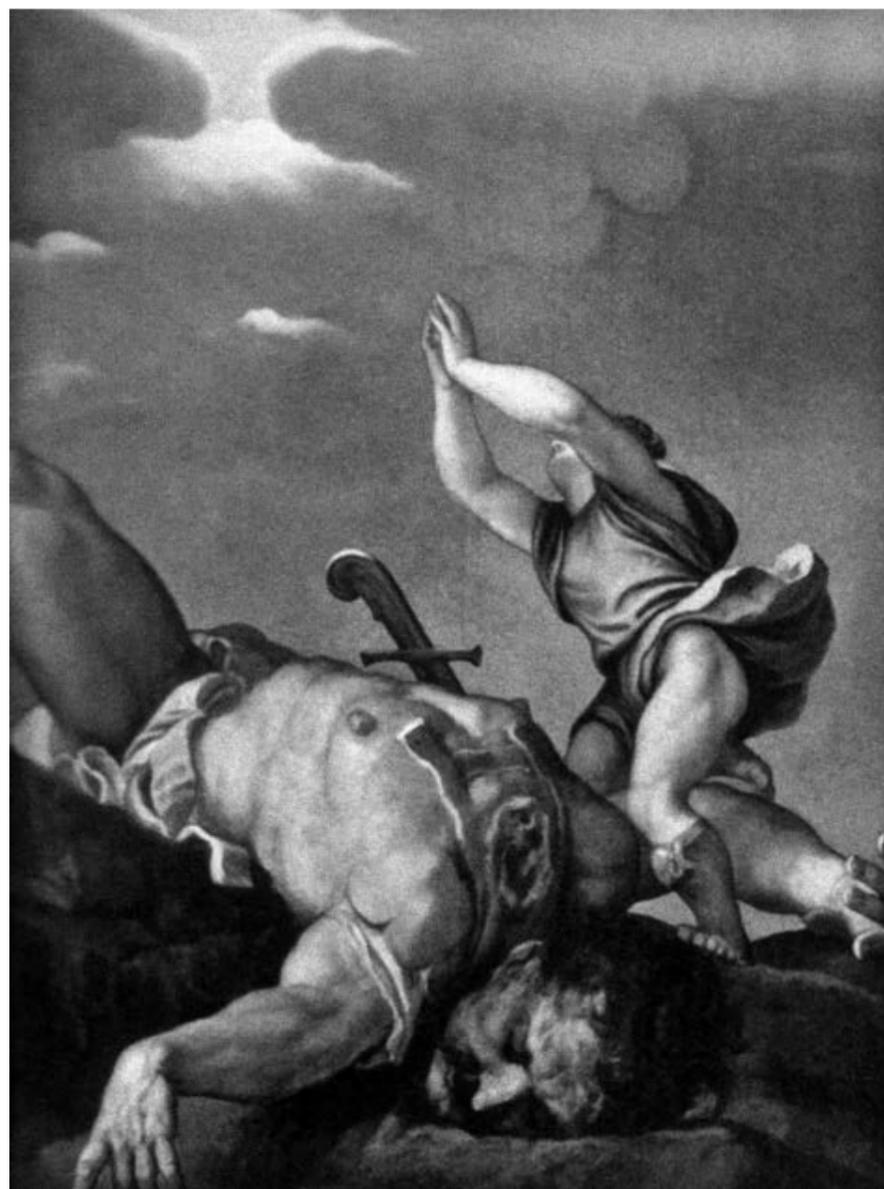
Estamos aqui para treinar as nossas capacidades. Só que achamos que o jogo da vida é, em si, a finalidade. Não! Se eu vou jogar pôquer, por exemplo, sei que estou exercendo uma atividade por algumas horas, depois vou jantar, ver meus filhos, etc. Mas no jogo da vida, entendemos que ela é um fim em si mesma. Não é; a vida é um jogo que serve para alguma coisa.

RS: Para o nosso aperfeiçoamento interior.

LR: Sim, o jogo da vida serve para nos aperfeiçoarmos interiormente. E a vida se torna muito mais estimulante quando começamos a pensar dessa forma.

RS: Independentemente dessa visão maior, são poucos os que se classificam como ganhadores no jogo da vida. Em geral, as pessoas se acham perdedoras. Por quê?

LR: Acham-se perdedoras porque não têm a ideia do treino de que falávamos anteriormente. Dissemos que



Só quem conhece o Divino pode escolher sua sorte. *Davi e Golias*. Tiziano.

TAROT DA ALQUIMIA

CARTA Nº 07 – “O PÁSSARO DE HERMES”

Na floresta interna onde o Ser recebe as energias do céu e da terra, existem recursos inexplorados, um imenso potencial não desenvolvido, talentos e dons recebidos do Alto. Dentre esses dons, uma inteligência que é para nós a única possibilidade de nos comunicarmos com este mundo e, ao mesmo tempo, com a Inteligência que é anterior a todas as coisas criadas. Por isso ela é chamada de “mensageira dos deuses”; ela é Hermes ou Mercúrio, deus da mitologia grega que tem como características a inteligência industriosa e realizadora, todos os tipos de deslocamentos e as artes mágicas.



O pássaro de Hermes habita em todo homem na forma de dois filhotes que não deixam o ninho, no interior da floresta. Ora, como são filhotes, sua principal obrigação é aprender, e eles passam todo o tempo aprendendo e sendo treinados. São longas as etapas de aprendizado dos pássaros até que eles consigam por si mesmos deixar

o ninho, voar até os altos ramos, procurar comida e, ao chegar a época, acasalar-se e construir seu próprio ninho. Os filhotes-pássaros de nosso mental precisam de bom treinamento e boa instrução, caso contrário jamais serão capazes de se desenvolver e cumprir sua missão.

São dois jovens irmãos que andam sempre juntos. A nossa mente tem duas faces bem distintas, que nasceram juntas, mas cumprem funções diferentes. Uma delas está em incessante comunicação com o mundo: recebe as impressões, analisa, julga, recorda, planeja o futuro, fala e imagina. É o filhote que sempre quer voar; o seu nome é expansão.

O outro irmão permanece no ninho, silencioso e atento. Ele também está lá para aprender, mas o que lhe é ensinado vem através do silêncio e da imobilidade tranquila. Para esse filhote-pássaro as verdades chegam no sussurro do vento, e se não estiver pronto para escutar, ele não poderá percebê-las. O nome deste é contemplação, mas também tem apelidos como intuição, sabedoria e atenção.

Assim se completam os dois irmãos, perfeitamente unidos em nosso Ser. Ambos são essenciais para a nossa aventura na Terra. A mente ativa, laboriosa, nos conduz em nossas experimentações, levando a sucessos ou fracassos igualmente necessários. A mente silenciosa nos lembra daquilo que já sabemos e nos faz lembrar principalmente de nossa origem divina. Deus Pai, que nos criou, reina sobre ambas.

Se a Carta nº 07 surgiu para você neste momento, lembre-se de dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. Nem deixar de estudar e trabalhar infatigavelmente; nem deixar de parar, contemplar o céu noturno e se lembrar.

O TAROT E A ALQUIMIA

Márcia Kondratiuk

Se pensarmos que ainda em nossa época, considerada esclarecida, a Psicologia é vista com suspeita por parte de muitos, como imaginar a divulgação de uma ciência do ser em épocas passadas, de total obscurantismo? Não era possível, então, falar-se abertamente, e a verdadeira essência das ciências herméticas como a Alquimia, a Astrologia e a Cabala tinha necessariamente de vir oculta por trás dos símbolos. Assim, a Alquimia adotou como meta exterior a transformação dos metais em ouro e a descoberta do elixir da vida – símbolos para a busca do ouro na alma do homem e para a vida eterna e os caminhos da imortalidade. Nesse sentido, a Alquimia denominava “ouro” ao que os Evangelhos denominam “Reino dos Céus” e o Budismo chama “nirvana”. Portanto a Alquimia - assim como a Cabala, a Astrologia e a Magia - constitui um sistema simbólico paralelo de Psicologia e Metafísica¹.

Na prática, a Alquimia seria essa ação de modificar nossa maneira de agir, sentir e pensar, na direção da meta proposta pelos ensinamentos tradicionais. E por que aliar Alquimia e Tarot? Porque este último nos ofe-



Tábua de Esmeralda, monumento fundamental da imaginação hermética.
Heinrich Hhunnrath, Hanover, 1606.

rece as imagens que podem não apenas diagnosticar a situação sobre a qual fazemos sinceramente uma consulta, mas também sugerir a direção em que as mudanças podem ocorrer. Ou seja, o Tarot mostra-nos de forma abrangente e imparcial a situação atual e também indica os caminhos para que ela seja transformada. Dentro desta visão, esse instrumento inteligente

que nos vem de tempos imemoriais, se utilizado de maneira lúcida, pode ajudar-nos em nossa autotransformação ou nossa Alquimia pessoal².

Neste número de SER, abrimos uma seção dedicada a esse grande apoio para quem trabalha sobre si que é o oráculo Tarot da Alquimia. A cada número apresentaremos um (ou mais) comentário do texto simbólico de suas Cartas, traduzido em linguagem corrente e mais familiar ao leitor. O objetivo é que o consulente possa apropriar-se ainda mais dos conteúdos simbólicos da Carta a ele ofertada pelo oráculo, sendo auxiliado em sua reflexão. Entretanto, a simples leitura do comentário das Cartas nesta seção, independente de uma consulta específica, esperamos possa deleitar o leitor que busca como nós a transformação “daquele ouro”.

¹ Baseado em P.D.Ouspensky, *Um Novo Modelo de Universo*.

² Baseado em *O Tarot da Alquimia* – www.ogrupa.org.br.

precisamos pensar em termos de média. Não podemos ganhar sempre. Por isso falei em média. Quem trabalha como “free-lance”, por exemplo, por empreitada, não pode queixar-se de que naquele mês não faturou nada. É preciso pensar na média anual. Há períodos da vida em que você pode passar alguns anos em dificuldade. Mas se na média você saiu lucrando, é isso que importa.

Muitas vezes, uma mulher perde o namorado e fica se queixando, dizendo que teve azar. Mas pode ter sido o melhor negócio da vida dela livrar-se de alguém que acabaria por levá-la a uma infelicidade total. Temos de nos aperfeiçoar na Arte de Viver, e isso significa conhecer as regras do jogo. Você tem de jogar o jogo do mundo sabendo que é um jogo onde as regras, muitas vezes, podem mudar. Por exemplo, se você tinha 1 milhão de reais e aplicou 200 mil num banco que faliu e 800 mil em outros negócios, você conservou a maior parte. Se tivesse posto tudo num lugar só, teria perdido tudo. Isso é ter estratégia para jogar o jogo da vida.

RS: Bem, até aqui estamos falando em dois tipos de jogo. Um que exige habilidade, perícia, estratégia, em que precisamos “plantar a semente”. Mas há os chamados jogos de azar. Há diferença entre eles no sentido de atrair a sorte?

LR: Não, tudo é randômico. O que comanda tudo é a grande Roda do Destino. Vocês conhecem aquela imagem da Roda da Fortuna em que a Fortuna está em cima de uma roda com uma Cornucópia nas mãos, espalhando a sorte pelo mundo. Isso significa que a sorte está sendo distribuída igualmente para todos. Até hoje nunca se viu um oráculo que tenha adivinhado os números que vão dar o prêmio da loteria. Isso me fez lembrar a piada do judeu que pede durante anos a Jeová que lhe dê sorte, que ele ganhe na loteria. Depois de cinco anos, Jeová vira-se para ele e diz: “Ora, David, se você quer ganhar, pelo menos compre o bilhete!” A sorte que faz alguém ganhar na loteria é a mesma que faz com que você não chegue a tempo para pegar o avião que vai cair.

RS: No Cassino, nos caça-níqueis ou na roleta, pode-se ganhar ou perder muito dinheiro em pouco tempo, e isso fascina as pessoas.

LR: Os caça-níqueis são piores do que a roleta, porque além de tudo são viciados, são projetados para dar a alguém um número X de possibilidades. A roleta oferece trinta e seis possibilidades. Há gente que faz cálculos matemáticos para ganhar na roleta, mas não adianta ganhar se você não souber a hora certa de parar. Quando estiver ganhando, guarde a maior parte do que ganhou e continue jogando só com uma parte menor. Dessa forma, você sempre terá uma boa média. Senão, pode perder tudo ou acabar endividado, como aconteceu a um amigo que não soube parar. O jogo, para quem não sabe parar, pode destruir uma vida.

RS: Então, saber parar é a grande chave.

LR: Sim, as pessoas não sabem parar. É preciso ter a sensibilidade de parar na hora certa. Há uma frase atribuída a John Ray (que talvez seja o naturalista e teólogo inglês do século XVII) que diz: “A verdadeira sorte consiste não em ter as melhores cartas da mesa na mão. Quem tem mais sorte é aquele que sabe quando deve levantar e ir para casa.” Se estiver entre amigos, muitas vezes não dá para levantar e sair, mas procure “pisar no freio”, isto é, aposte menos. O Muricy Ramalho, que foi técnico do São Paulo, costuma dizer que “a bola pune”. Isso significa que ela pune quem não sabe lidar com ela. O jogo também pune se você não souber parar.

RS: Você, que foi um jogador e parou, nunca mais teve vontade de jogar?

LR: Não, não tenho a menor vontade de retomar. O jogo de cartas não me atrai mais. Agora jogo outro tipo de jogo...

RS: Algumas pessoas tiveram tanta sorte no jogo que viram seu destino ser modificado. Sorte e destino estão interligados?

LR: Sem dúvida. O destino de uma pessoa que acerta na Mega Sena, por exemplo, pode ser mudado para melhor ou para pior. Isso porque o nosso destino está ligado ao nosso corpo. Nós, aqui presentes, temos de agradecer por termos nascido com um corpo saudável. O nosso corpo físico é a primeira base do nosso destino. Uma mulher muito bonita tem um destino diferente do de



ENTREVISTA
Lauro Rafal

uma mulher feia. Um homem bem apessoado tem um destino diferente daquele que tem um corpo mais feioso. É curioso como ninguém percebe o quanto nosso destino está ligado ao corpo.

RS: Às vezes uma grande beleza pode levar a um trágico destino, como foi o caso da Marilyn Monroe.

LR: De certo ponto de vista, a beleza a imortalizou, mas, ao mesmo tempo, foi o que acabou com a vida dela. Há pessoas que ganharam na Mega Sena e que depois de um tempo perderam tudo por não saberem administrar os seus bens. Temos visto homens que foram assassinados por suas mulheres depois de alguns anos porque ganha-



Roletta (Banco de Imagens).

ram muito dinheiro na loteria. Sem dúvida, o destino está ligado à sorte, mas se é para melhor ou para pior, vai depender de como a pessoa lida com ela.

RS: Às vezes a pessoa pega carona na sorte alheia. Por exemplo, você vive ao lado de uma pessoa que tem habilidade, atenção e sensibilidade suficientes para atrair a sorte. E essa pessoa acaba atraindo uma boa situação para você.

LR: Essa pessoa teve a sorte de encontrar alguém com essas qualidades. É importante vermos a sorte de outra maneira. Goethe, que foi um homem de trabalho interior, tinha a seguinte frase: "Em todo lugar e em todo tempo,

a tua mais segura probabilidade de boa sorte reside em três coisas: decisão, justiça e tolerância". É interessante isso. Decisão significa ter a intenção; justiça significa ter equilíbrio, uma visão justa das coisas; e tolerância significa saber suportar as coisas como elas são. Boa sorte, então, não é ganhar na loteria; isso às vezes pode ser uma desgraça, como dissemos acima.

RS: Observamos que alguns jogos exigem claramente maior participação do corpo como, por exemplo, o futebol. Outros exigem mais a participação do mental, como o jogo de xadrez, o de damas, etc. Parece-nos que nos chamados jogos de azar o emocional está sempre presente. Essa observação está correta? Cada tipo de jogo estaria mais estreitamente ligado a um dos centros? A nossa predileção por determinados jogos indicaria qual dos três centros predomina em cada um de nós?

LR: Sim, o tipo de jogo preferido pode indicar o predomínio de um centro naquela pessoa. Se você pegar um jogador de futebol, ele é mais corpo do que tudo. Mas tem de ter também um mental que o ajude na estratégia das jogadas, senão ele vai-se sair mal, mesmo que fisicamente tenha grande habilidade para jogar futebol.

RS: O que nos leva a competir com os nossos semelhantes nas questões familiares, de amor, de trabalho, de ganho financeiro, de status social, e até mesmo nas questões de beleza e saúde, no maior de todos os jogos que é o jogo da vida?

LR: Como dissemos acima, as pessoas vivem competindo. Mas se a vida for encarada como fonte de desenvolvimento do seu ser ou da sua alma, você não vai mais querer ser melhor do que o outro simplesmente para ser o melhor. Você passará a querer fazer a sua alma brilhar. Se encarmos o mundo como matéria prima para o trabalho interior, vamos aprender com nossos erros, muitas vezes vamos nos desenvolver a partir do erro.

RS: Como espectadores de jogos, podemos aprender muito acerca dos seres humanos, não é? Podemos perceber, por exemplo, quando alguém entra no jogo já derrotado de antemão.

LR: Podemos e devemos aprender com os jogos, porque eles falam do jogo da vida. Se assistirmos a um jogo com



TAROT

da Alquimia

- O Tarot e a Alquimia
Carta nº 07 – “O Pássaro de Hermes”
Carta nº 08 - “Dois Pássaros Interdevorando-se”
Carta nº 09 – “O Rei do Mundo”



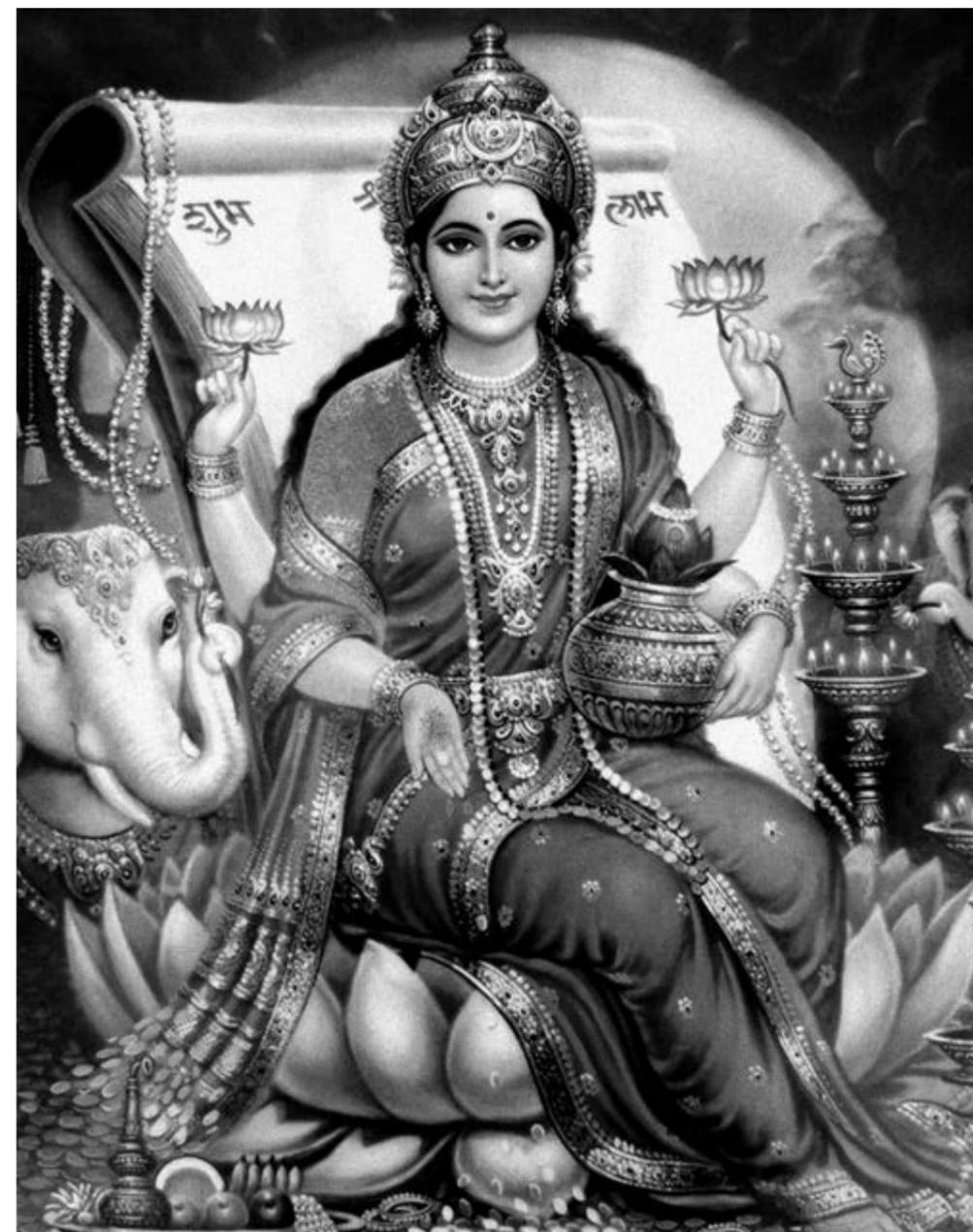
CRÔNICA ANÔNIMA DO SÉCULO XVI

E Deus falou para o Tristonho:

– Já que você não soube transformar o inferno para onde o mandei em um paraíso alegre e leve, vou enviá-lo rapidamente para Lúcifer, que o espera de braços abertos.



Vaso da Ática (ca. 500 a.C.).



Lakshmi, deusa da beleza e da boa fortuna (tradição hindu).



O demônio do jogo. Ilustração antiga.

uma visão mais ampla, descolada, desidentificada do assunto, podemos aprender muito.

RS: Seria ficarmos o tempo todo em estado contemplativo?

LR: Sim, é o estado contemplativo que pode nos ensinar a identificar quais são as regras daquele jogo e também a aplicá-las na vida para que dirijam as nossas ações. Há um poema muito interessante de Tomás Antônio Gonzaga que diz: "A sorte deste mundo é mal segura. Se vem depois dos males a ventura, vem depois dos prazeres a desgraça".

RS: Essa é uma regra?

LR: É claro que sim. É a alternância do Yin-Yang no mundo. É claro que se você ganha, se acerta no alvo e começa a se achar o bacana, acaba levando um revés.

RS: Quando temos uma boa experiência, ficamos ansiosos para repeti-la, não é?

LR: É isso mesmo. Nessa hora, é preciso recolher-se. Então você percebe que há dias em que a Roda da Fortuna gira em seu favor e outros que não. No dia que ela está a favor, siga em frente até que perceba que está na hora de parar. No dia que está contra, é preciso segurar. E temos de ter em mente que depois dos prazeres vem o infortúnio, mas depois do infortúnio vem a ventura. O mundo funciona como um pacote: cai um milhão aqui, um milhão de problemas nascem aqui. A rosa não tem espinhos? Toda rosa tem espinhos, mas a rosa não precisa ser ferida pelos espinhos, eles convivem harmoniosamente com ela, não é? Este é o maior exemplo da existência do Yin-Yang no mundo: no caule existe o espinho e na

façam aparecer em você toda uma atmosfera de "eu sou o máximo"; não deixar que um fracasso se apodere de seu interior e o convença de que você é o pior dos seres; não deixar que a pena de si mesmo se instale em seu coração.

Ou seja, é preciso que Adão cresça e se qualifique para suportar todas as agruras e sucessos da vida, sem se esquecer de que o seu verdadeiro lar é o Jardim do Éden. É preciso desenvolver esse espírito inquebrantável que, sendo humano, sente a dor e o prazer, mas que não se comove muito com nenhum dos dois.

Esse é o primeiro passo, aparentemente simples e singelo, mas que pode levar ao aparecimento do verdadeiro Eu dentro de cada um de nós. E quando esse Eu aparece, "nem Deus nem o Diabo contam mais", pois nos tornamos senhores das duas forças primordiais do Universo. E aí talvez possamos nos converter em uma esperança ou um alívio para o Pai Eterno.

2. "ENQUANTO O HOMEM NÃO CAUSAR HORROR A SI MESMO, NADA SABERÁ SOBRE SI MESMO."

G. I. Gurdjieff

Para poder trabalhar sobre si mesmo, para alcançar o "EU REAL", o homem precisa conhecer a si mesmo. Sabiamente, a primeira frase do Oráculo de DELFOS era: "CONHECE-TE A TI MESMO".

O homem nada sabe sobre a constituição do seu ser. Não sabe, por exemplo, que é formado por duas naturezas, uma terrestre e outra celeste, e que, sem trabalho interior, está condenado a viver apenas sob o jugo de sua natureza terrestre. O que isso quer dizer?

Quer dizer que toda a sua vida não terá sentido algum! Quer dizer que ele viverá apenas para comer, beber, procriar e preencher aquele vazio no peito com diversões de todo tipo, mendigando afeto, reconhecimento e também correndo atrás de poder, até que a morte o leve ao túmulo.

Só isso já seria suficiente para horrorizá-lo, mas ainda há mais. Ele também não sabe que não tem o poder de fazer, que todas as suas atitudes, pensamentos, emoções, desejos vêm de circunstâncias exteriores ou de algum impulso dos seus hormônios. Enfim, ele não sabe que não tem LIVRE ARBÍTRIO.

Para piorar um pouco, o homem ainda não sabe que nunca se enxerga como é, porque existe nele como que um dispositivo que o impede de se ver. Por tal motivo, ele mente o tempo todo (sem saber), se justifica e sempre acha que tem razão. Se ele se visse de fato, teria horror de si mesmo.

O Sr. Gurdjieff nos diz: "Só nos suportamos porque não nos conhecemos".

Um exemplo bem banal: Dona Maria faz um longo discurso à sua faxineira, alertando-a do grande perigo da automedicação. À primeira vista, é uma atitude até que muito louvável e ela está convencida de que o que a levou ao discurso foi a sua preocupação com a saúde da moça. Contudo, se verificarmos mais um detalhe, veremos que não é bem assim. Acontece que a dita faxineira sempre pede o medicamento da dona Maria e esta, como se julga muito "boazinha", não pode dizer "não". Nunca admitirá que a razão do seu discurso seja, por exemplo, medo de ser tachada de "mão fechada" ou, talvez, medo de perder o afeto da moça. E assim caminha a humanidade, com todas as suas mentiras, carências e ilusões.

Para ver-se como tal, o homem necessita de um MESTRE que o leve a ver seu próprio horror e ao mesmo tempo o conduza à verdadeira felicidade, na medida em que vai ensinar-lhe a chegar à própria ALMA. Só nela é que ele poderá enxergar-se com isenção. E o que é melhor: não tem de fazer coisa alguma para que isso aconteça, pois, quando a alma vem à tona, a harmonia do seu ser se dá.

É nisso que o homem deve investir e é isso que trará sentido e alegria à sua vida!



O homem desperto caminha pelo mundo como um Rei. Bodhisattva. Takht-i-Bahi, II-III sécs.

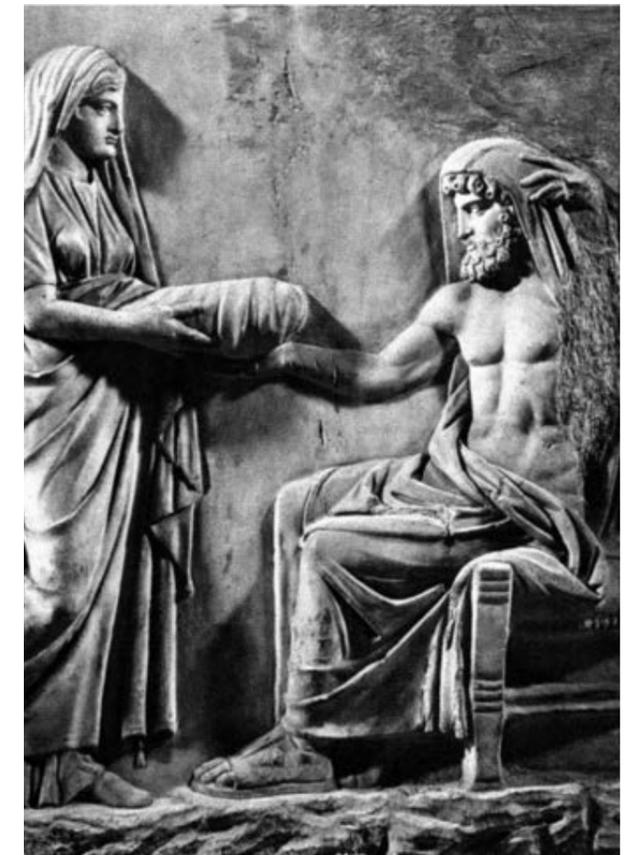
ponta, a rosa. Se você tocar o espinho, vai-se machucar, se tocar a rosa, irá estragá-la. Tem de saber onde pegar.

Fizemos aqui um apanhado geral do que é a sorte. Mas não entendam isso como um desestímulo ao jogo, a tentar a sorte. Não se deve parar de jogar só porque o jogo é randômico. É preciso jogar na vida para estar sempre no páreo. É como a piada que contamos que diz: "Ô David, compra o bilhete!", ou seja, quem não faz, não recebe. Você tem de fazer a sua parte. Quer ganhar dinheiro? Vá em frente, fique atento. Há muitos anos, fiz uma viagem com o Paulo para iniciar um negócio de importação nos Estados Unidos. Acabamos não fazendo aquele tipo de negócio. Mas, observando outra loja que lá existia, tive a ideia de abrimos outro tipo de empresa aqui no Brasil. Mais tarde, isso nos fez ganhar dinheiro. Mas só aconteceu porque estávamos atentos. É preciso estar aberto. Como vocês podem ver, "eu atirei no urubu e acertei no gavião". É esta a ideia que quero passar: faça, aprenda com seus erros e acertos. Sobretudo aprenda com os erros dos outros. Ninguém quer aprender com os erros dos outros. Esta é a grande lição: você não precisa cair no buraco para aprender. Às vezes, vemos alguém cair num buraco e dizemos: "Ah, essa pessoa caiu porque é trouxa, eu não sou". E quando chegamos lá, caímos também. O ideal para atrair a boa sorte é aprender, escutar, estar bem informado. A boa informação ajuda muito, a sensibilidade também. A boa informação faz parte da habilidade de que falávamos. Não reclame do que não deu certo, siga em frente, faça!

Devemos aceitar o pacote completo, mas não podemos ficar passivos diante dele. Podemos fazer o nosso caminho ativamente. É o que aparece na história de Eros e Psiqué: ela quer o Amor, tem a intenção de ir atrás do amor que perdeu por ter se deixado enganar pelas irmãs. Teve então de aprender com as formigas, que fizeram um trabalho insano para ela. O tempo todo da história ela tem de aprender a não ficar passiva. Ela sai em busca do amor e obtém ajuda para resgatá-lo. No final é premiada, depois de passar pelas provações mais variadas. Não podemos ler a história da paciência de Jó, o personagem bíblico, como algo passivo. Aceitamos, mas continuamos a lutar dentro das nossas possibilidades.

RS: Há um jogo com Deus. Ele quer saber o que você quer e Ele também sabe o que Ele quer para você. E fica esse jogo incrível.

LR: É um jogo incrível, mas temos de aprender a jogar. Porque o jogo da vida termina na morte. Nessa hora, tudo que acumulamos aqui não vale nada. Filhos, família, amores, bens materiais vão ficar para trás. Até nosso corpo vai ficar para trás. Não levamos nada disso. O nosso corpo é uma maravilha, mas, diante da morte, não vale nada. Temos de cuidar dos filhos, do corpo, de ganhar dinheiro e de tudo mais que faz parte da vida, mas não podemos esquecer que tudo isso vai ficar para trás. Por isso, vamos investir naquilo que temos de mais essencial, no nosso Eu verdadeiro, pois só ele permanecerá.



Há um jogo com Deus. Nele podemos escolher entre a morte e a Imortalidade. Reia enganando Cronos, entregando-lhe a pedra no lugar de seu filho Zeus (Mitologia grega).



"Um dos erros mais graves do homem, aquele que deve ser constantemente lembrado, é a ilusão em relação ao seu 'Eu'. O homem não tem 'Eu' permanente e imutável. E o todo do homem nunca se expressa, pela simples razão de que não existe como tal, salvo fisicamente como uma coisa e, abstratamente, como um conceito. O homem é uma pluralidade. Seu nome é legião."

Nessa frase, Ouspensky representa o terror de nossa situação.

Cada ser humano pensa que tem um único "eu", sempre presente e confiável. Mas essa ideia não resiste a uma análise minimamente sincera. Basta olhar para os nossos humores cambiantes, nossas promessas não cumpridas, nossa fraqueza em sustentar opiniões... O "eu" que faz a promessa de acordar pela manhã não é o mesmo que de fato acorda e, em seguida, volta a dormir, esquecido de toda aquela empolgação que acometia o "eu" insone da

noite anterior. Aquele que se compromete com um regime não é o mesmo que se entrega à primeira delícia que aparece. Aquele que programa o amanhã não é o mesmo que realiza tudo de maneira diferente no dia seguinte.

Pode-se argumentar: tudo saiu diferente porque as circunstâncias mudaram no dia seguinte. Mas é exatamente esse o ponto. Se a atuação do "eu" depende fortemente das circunstâncias da vida, isso significa que não existe aí uma individualidade. Existe somente um emaranhado de "eus" que se apresentam de acordo com a circunstância do momento. Se formos pressionados a fazer uma determinada coisa, é um "eu" que aparece. Se formos elogiados por ter feito outra, é um "eu" diferente que se apresenta... E assim segue a nossa vida. Cada fato "entra" dentro de nosso ser e determina nossos conteúdos internos e nossas reações externas. O que pode haver de independente e legitimamente nosso em um cenário como esse? Qual é o grau de confiabilidade de uma estrutura multiegótica como essa? Quem ou o que poderia ser realmente chamado de "eu"?

Outra frase lapidar de Ouspensky ilustra bem essa situação:

"Se um homem muda a cada minuto, se nada existe nele que possa resistir às influências externas, significa que nada existe nele que possa enfrentar a morte. Mas, se ele se tornar independente das influências externas, se aparecer nele 'alguma coisa' que possa viver por si mesma, essa 'alguma coisa' pode não morrer,"

Nessa frase G. dá uma enorme pista sobre a possibilidade de adquirir um Eu mais confiável, um Eu mais verdadeiro. E a chave é bem clara: tornar-se independente das influências externas. Como isso pode ser possível? Simples. A primeira coisa é ter uma total clareza da importância de conquistar essa independência. É preciso perceber com o nosso ser que somos escravos de toda e qualquer circunstância, e que deixamos que elas determinem o nosso estado interior e nossas reações exteriores.

Mas como começar? Talvez a melhor dica seja começar com coisas simples. Por exemplo: não deixar que o mau humor de seu interlocutor provoque o mesmo em você; não deixar que os elogios até merecidos de seu chefe



Distante de sua verdadeira Identidade, o homem comum caminha pelo mundo como um escravo. William Blake, 1824-1827.

TEXTOS

Tradicionais

- Para lembrar-se de si
- A realidade fundamental
- Contato com a inteligência
- Um sol interior começa a aparecer
- A atenção desperta energias adormecidas
- Conhecimento e ação
- A Conferência dos Pássaros



PEQUENOS COMENTÁRIOS SOBRE FRASES DE G. I. GURDJIEFF

Maurício da Costa Melo, Sonia Maria Corrêa,
Beatriz Guiseline, Carla Galvão, Edvane Fani Henrique e
Maria Teresa Ribeiro Fortes

1. "SE O EU ESTÁ PRESENTE EM MIM, NEM DEUS NEM O DIABO CONTAM MAIS."

G. I. Gurdjieff

A princípio, esta pode parecer apenas uma frase para chocar e enfatizar a extrema importância de nos voltarmos para a questão da formação do Eu ou da individualidade. Se admitirmos que Deus seja Onipresente, o Diabo, como algo separado de Deus, não pode existir, pois, se ele existisse e fosse independente, Deus não seria onipresente. Portanto, quando se faz esse tipo de abordagem, a ideia é estabelecer um contraponto entre dois aspectos da Divindade.

Nesse caso poderíamos entender Deus como sendo a força unitiva e toda amorosa do Criador Eterno que, em certos textos, é chamada de "Deus Santo". Já o Diabo é a força contrária, de desagregação. É a ânsia divina de criar todo o Universo. É o que os hindus chamam de Mahamaya (a grande ilusão) ou o que outros textos tradicionais chamam de "Deus Forte".

Para analisarmos o terceiro elemento da frase, o Eu, vamos recorrer primeiramente ao Gênesis. Nele é dito que "o Senhor Deus molda o homem do pó da terra e sopra em suas narinas o sopro da vida, e o homem se torna uma criatura vivente". Aqui já aparecem as primeiras pistas desse símbolo tão rico do Gênesis: a partir de elementos pulverizados no Universo, Deus forma um corpo individualizado e lhe confere um elemento Divino, seu sopro. Portanto temos um corpo individualizado a partir do pó e o sopro divino, não individualizado.

Mas a ligação entre essa consciência e o corpo ainda é bem precária e sua capacidade de atuação quase não existe, pois Adão vive de tudo o que é produzido no Jardim do Éden. Ele é quase uma criança, totalmente dependente da Providência Divina. Pode-se dizer que Adão, como um ser independente e autônomo, não existe de fato. Existem somente o sopro Divino e o pó, que em um arranjo provisório se converteu em seu corpo. Quanto ao sopro Divino, pode voltar a unir-se à sua Fonte Universal.

Em pleno desfrute do Jardim do Éden, eis que surge o Diabo, representado pela serpente, que é símbolo da própria vida. O Adão-criança é lançado no jogo da vida e passa a conhecer a dualidade. Pode-se dizer que somente quando Adão experimenta o fruto da Árvore do Bem e do Mal é que começa a sua experiência humana. Na vida de cada um de nós, isso acontece quando a consciência ainda pura do bebê vê-se obrigada a projetar-se no mundo, a sentir toda a dor da fragmentação e toda a angústia de ter de lidar com as forças contrárias da dualidade em sua vida diária. Os hindus representam isso em seu épico Mahabharata, a grande batalha.

É nessa dura batalha que Adão pode passar pela sua segunda forja, aquela que pode conferir-lhe a maturidade responsável do adulto. É nela que pode nascer sua verdadeira individualidade. Mas, tristemente, não é isso o que acontece. O poder fragmentador da vida acaba transformando o que poderia ser a imagem e semelhança Divina em um decepcionante arremedo de ser. A esse respeito, outra afirmação de G., feita através de Ouspensky, pode ser bastante ilustrativa:

PARA LEMBRAR-SE DE SI

Jeanne de Salzmann

(Do livro *A Realidade do Ser – O Quarto Caminho de Gurdjieff* – Ed. Shambhala - Boston & London)

ONDE ESTÁ NOSSA ATENÇÃO

Desejo estar consciente de mim mesma. No entanto, como estou neste momento, posso me conhecer, posso estar consciente de mim mesma? Não, não posso. Estou muito dispersa. Não sinto nada. Vejo, porém, que estou adormecida, e sinto os sintomas desse sono. Esqueci o sentido da minha existência, esqueci-me de mim mesma. Neste momento, sinto um choque: estou despertando, quero despertar. Mas mal acabei de sentir o choque, já me sinto agarrada novamente, retida pelos elementos do meu sono – associações que giram sem parar, emoções que me envolvem, sensações inconscientes. Sinto que caio de novo no esquecimento.

Não percebemos quão passivos somos, sempre tragados pelos acontecimentos, pessoas e coisas. Começamos uma atividade com o maior interesse, totalmente cientes de nosso objetivo. Mas depois de certo tempo, o impulso se enfraquece, dominado pela inércia. A nossa compreensão diminui e sentimos a necessidade de algo novo, que venha restaurar o interesse, a vida. Dessa forma, nosso trabalho interior progride por fases, sempre dependendo de novas forças. Ele é determinado por leis. Temos de nos livrar da

ideia de que o progresso se dá continuamente, em linha reta. Há fases em que a intensidade diminui e desejamos não decair novamente, uma força mais ativa há de aparecer.

O "homem" passivo dentro de nós, o único que conhecemos, é aquele em quem confiamos. Mas enquanto permanecemos passivos, não aparece nada de novo. Temos de nos tornar ativos em relação à nossa inércia, ao trabalho passivo de nossas funções. Se desejarmos mudar, teremos de cuidar do novo "homem" em nós mesmos, aquele que está oculto. É ele que se lembra, que tem uma força que só pode ser trazida por nosso desejo, nossa vontade, e que aumenta pouco a pouco. É necessário ver que um estado mais ativo, uma intensidade maior, é possível.

Preciso reconhecer que no estado habitual minha atenção é indivisível. Quando me abro para o exterior, fico naturalmente interessada nele. A minha atenção vai para lá. Não consigo impedir isso. Se minha força de atenção está completamente tomada, estou perdida na vida, identificada, adormecida. Toda a minha capacidade de ficar presente está perdida. Perco a mim mesma, a sensação de mim mesma. A minha existência perde o seu sentido. Então, o primeiro passo é uma separação na qual minha atenção fica dividida.

O nosso esforço deve sempre ser claro — estar presente, isto é, começar a lembrar-se de si mesmo. Com a atenção dividida, estou presente em duas direções, tão presente quanto consigo estar. A minha atenção está dirigida em duas direções e estou no centro. É esse o ato da lembrança de si. Desejo manter parte da minha atenção na consciência de pertencer a um nível mais alto e, sob essa influência, tentar abrir-me para o mundo externo. Devo fazer um esforço para permanecer ligada, um esforço de atenção. Tento saber verdadeiramente quem eu sou. Luto para ficar presente, para ter ao mesmo tempo um sentimento de "Eu" voltado para uma melhor qualidade e um sentimento habitual, ligado ao meu "eu", à minha pessoa. Desejo ver e não me esquecer de que pertencemos a esses dois níveis.

Temos de ver onde está nossa atenção. Onde está nossa atenção quando nos lembramos de nós mesmos? Onde está nossa atenção na vida? A ordem só pode nascer em nós se entrarmos em contato direto com a desordem. Não

estamos na desordem. *Somos* o estado de desordem. Se eu olho para o que sou realmente, vejo a desordem. E onde há um contato direto, há uma ação imediata. Começo a perceber que minha Presença está onde está minha atenção.

A PRIMEIRA INICIAÇÃO

Atrás de todas as minhas manifestações, há um desejo de conhecer a mim mesma, de saber que existo e de como existo. Mas em meu contato com o mundo, uma imagem de "eu" é formada no mesmo instante em que entro em contato com ele. Estou presa a essa imagem porque a tomo como sendo eu. Tento ratificá-la e protegê-la. Sou escrava dessa imagem. Estando tão vinculada e submetida a essas reações, não me sobra atenção para saber que sou algo mais do que isso.

Como sou, não reconheço nada acima de mim, nem fora nem dentro de mim. Teoricamente talvez, mas não de forma real. Assim, não tenho referência com a qual possa avaliar a mim mesma, e vivo, exclusivamente, em conformidade com aquilo de que 'gosto' ou 'não gosto'. Só me avalio e vivo passivamente de acordo com o que me agrada. Essa avaliação do meu "eu" ordinário cega-me. É o maior obstáculo a uma nova vida. O primeiro requisito para o autoconhecimento é uma mudança na opinião que tenho de mim mesma, que só pode advir se vejo de fato coisas em mim que nunca vi anteriormente. E para ver, tenho de *aprender a ver*. É essa a primeira iniciação em direção ao autoconhecimento.

Tento ver como sou no estado de identificação, experimentar como sou quando estou identificada. Tenho de tomar conhecimento do enorme poder de força atrás da identificação e seu movimento irresistível. Essa força, que nos sustenta na vida, não quer a lembrança de si. Ela nos conduz à manifestação e recusa o movimento para dentro.

Ver-me na identificação é ver-me como sou na vida. Mas a cada vez que me lembro de minhas possibilidades mais altas, desapareço, rejeito o que sou na vida. E essa rejeição impede-me de sabê-lo. Tenho de ser esperta para me perceber sem mudar nada, sem mudar meu desejo que se manifesta. Devo ver-me como uma máquina impelida pelos processos que aparecem – pensamentos, desejos, movimentos. Pre-

ciso ver-me como uma máquina – estar presente enquanto funciono como uma máquina. Quem sou na vida? Tenho de presenciá-lo, ter uma impressão mais consciente disso.

Para enfrentar a força de identificação, deve haver algo presente que assiste – uma atenção estável, livre e ligada a outro nível. Desejo estar presente ao que está acontecendo, permanecer cônica de mim mesma e não me perder. O meu esforço é feito de algo que não pertence aos meus recursos usuais. Preciso de certa vontade e certo desejo desconhecidos do meu eu habitual. O meu "eu" usual deve abandonar o seu lugar. Mantendo a atenção e não me esquecendo de observar, talvez um dia eu esteja apta a ver. Se eu vir uma vez, posso ver uma segunda vez, e se isso se repetir, não serei mais capaz de não ver.

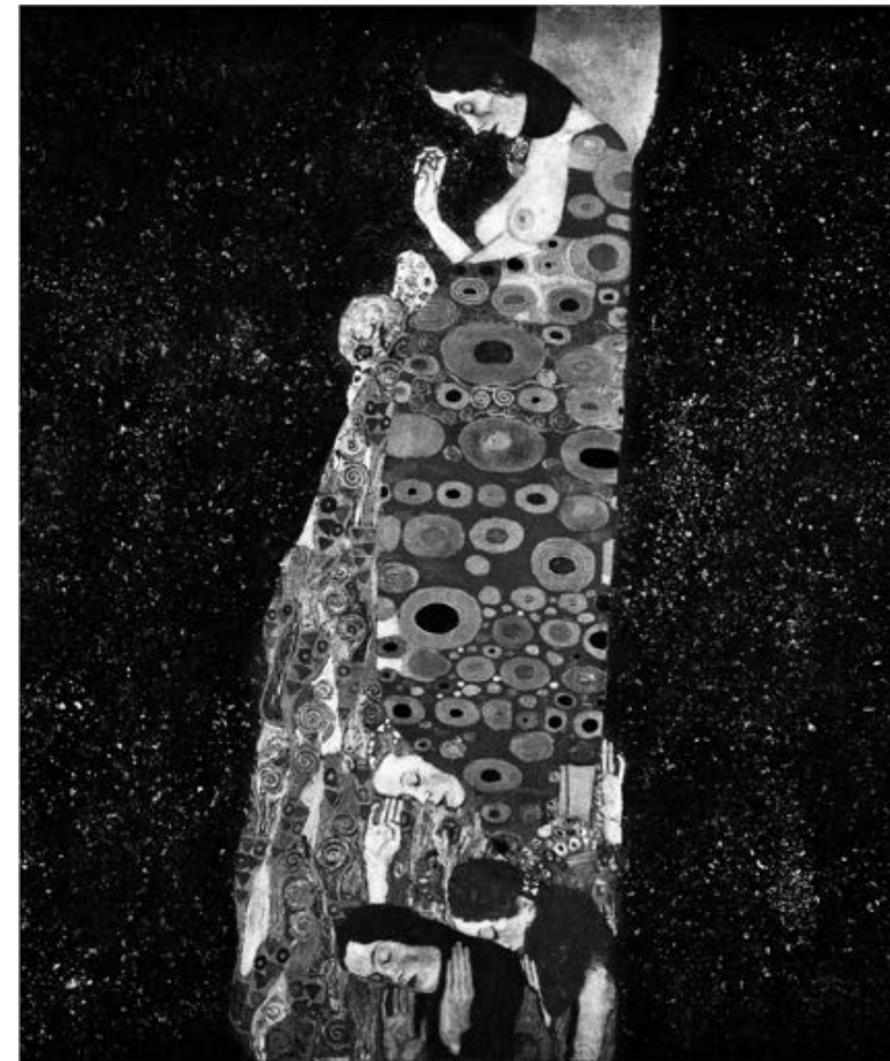
Para observar, tenho de lutar. A minha natureza usual recusa a auto-observação. Tenho de preparar, de organizar uma luta contra o obstáculo, de afastar-me um pouco da minha identificação – falar, imaginar, expressar emoções negativas. A luta consciente requer escolha e aceitação. Não posso estar no estado que dita a escolha. Tenho de escolher a luta de estar presente e aceitar o sofrimento que aparece. Não há luta sem sofrimento. A luta é inaceitável para a nossa natureza inferior. A luta a perturba. É por isso que é tão importante lembrar-nos sempre do que desejamos – o sentido de nosso trabalho e nossa Presença. Indo contra um hábito como, por exemplo, comendo ou sentando de um determinado jeito, não estamos lutando para mudar o hábito. Ou se tentamos não expressar emoções negativas, não estamos lutando contra as emoções em si, ou lutando para por de lado a expressão delas. É uma luta contra a nossa identificação, para permitir que a energia desperdiçada de outra forma sirva ao trabalho. Não lutamos *contra* alguma coisa, lutamos *por* alguma coisa.

PODEMOS TORNAR-NOS CONSCIENTES?

O trabalho para estar presente é em direção à consciência – isto é, um tipo especial de percepção independente da atividade da mente intelectual, uma percepção de si mesmo: quem se é, onde se está e, por conseguinte, o

Com o peito repleto de Verdade, apenas deseja que esse Ser Amado mergulhe em sua profundidade. Mas se ele se negar, escondendo-se e encolhendo-se por medo, não sendo capaz de se debruçar sobre essa Verdade, seu coração de esposa pode se fechar. E tudo terá sido em vão, pois se tornou vazio de sentido.
A Natureza em nós, sem a percepção isenta daquele que Vê, nos condena e nos aprisiona numa existência sem Vida, sem Luz, sem Amor.

Estamos mortas, apesar de tanta vida, estamos perdidas, apesar de tanta luz, estamos fechadas e tristes, apesar de tanto calor que o Sol nos oferece. Porém, no jejum da vida, no silêncio da escuridão, na devoção do coração...
Eu Sou a Mãe, a Filha e a Esposa.
Eu Sou Esperança.
Eu, Liberdade, pode nascer!



Gustav Klimt.



DESVELANDO A NATUREZA DO FEMININO

(parte 1)

Cíntia Fernandes Contreiras

"Portanto, eis que eu a atrairei, e a levarei para o deserto, e lhe falarei ao coração."

"E lhe darei, dali, as suas vinhas, e o Vale de Acor¹ por porta de esperança, será ela obsequiosa como nos dias de sua mocidade, e como no dia em que subiu da terra do Egito."

Conversão da esposa, Oséias 2 - 14,15e16.

Eu Espero.

Nada especial ou específico.

A espera faz parte da *natureza do feminino* e pode florescer quando surge, no coração, o sentimento por alguém.

¹ O Vale de Acor nos recorda: (1) o pecado, a desobediência e o castigo daqueles que não deram ouvidos às ordens de Deus; (2) a perpétua vigilância e cuidado de Deus com Seus filhos; (3) a bem-aventurança para o pecador que, por mais fundo que tenha ido, sempre encontrará uma "porta de esperança" aberta para ele, quando se arrepende.

O Vale de Acor pode estar, hoje, em toda parte, inclusive na vida de cada um. E pode ser que, em nossa experiência, tenhamos que passar pelos três aspectos desse vale para chegar à "porta da esperança": primeiro, pelo castigo; depois, pelo perdão e as bênçãos; para, finalmente, alcançar a redenção.

Nesses momentos, diante do encantamento, a espera brota no meio do peito, como o único desejo.

Ela é saudade.

Uma saudade de braços abertos, ampla, irrestrita e receptiva.

Ela é quietude interior.

É a água do lago que repousa serena no coração da mãe Terra, na profundidade do Ser, no âmago da existência propriamente dita.

A Mãe espera seu Filho durante nove meses e não deseja, em nenhum instante, que ele nasça antes de estar pronto para isso.

No momento certo, Ela lhe dá a Luz e confia plenamente na força de vida dele.

E quando esse Filho está pronto, nada neste mundo o faz permanecer imóvel por mais tempo em seu ventre.

Com certo grau de maturidade, esse Filho já pode começar a percorrer o que será seu próprio caminho em direção à liberdade.

Seu desejo de expressar-se é mais forte que todo calor, calma, conforto, proteção e alimento, que o ventre materno pode lhe oferecer.

Porém, se ele não alcançar essa condição no tempo certo, pode morrer, pondo até mesmo em risco a vida da mãe.

A filha espera que seu Pai seja seu guia, seu Mestre. Sua confiança nele é o depósito de esperança na luz que pode conduzi-la.

Espera que esse Pai seja uma Atenção disponível, uma Presença alerta e que nunca se esqueça do compromisso de olhar por ela.

No caos da vida, Ele lhe serve de lucidez, ordem e direção.

Mas, se Ele se negar a assumir o que é seu dever, ela pode se perder, não amadurecendo a tempo para Ver a Realidade.

A esposa espera que seu Marido a conheça.

Seu amor por Ele chama-se abertura, e tudo nela quer se apresentar.

Ele é Único, e o encantamento diante dele é o desenho de sua Lealdade.

que se sabe ou não se sabe. No momento de consciência, existe a impressão imediata de uma percepção direta. Isso é completamente diferente do que chamamos comumente "consciência", que opera mais como uma reflexão, acompanhando fielmente o que experiencio e representando isso em minha mente. Quando essa consciência reflete o fato de que eu penso ou sinto algo, é uma segunda ação que, como uma sombra, segue a primeira. Sem essa sombra sou inconsciente disso e ignoro o pensamento e sentimento originais. Se, por exemplo, estou furiosa e fora de mim, só vejo isso enquanto estou cônica da reflexão que, como uma testemunha, diz em voz baixa que estou furiosa. O murmúrio segue tão de perto a emoção precedente que acredito que eles são uma única coisa. Mas na verdade não é assim.

Posso tornar-me consciente? É tudo uma questão de energias e de suas relações, com cada energia sendo sempre controlada por outra mais fina, que é mais ativa, mais viva, como um ímã. A energia usada em nossas funções – nossos pensamentos, emoções e sensações – é passiva, inerte. Gasta em movimentos para fora, essa energia é suficiente em qualidade para a nossa vida enquanto animais superiores, mas não suficientemente refinada para um ato interior de percepção, de consciência. Contudo, temos, de fato, algum poder de atenção, pelo menos na superfície, alguma capacidade de conduzir a atenção na direção desejada e mantê-la lá. Embora frágil, essa semente ou início de atenção é a consciência emergindo de nossa profundidade. Para que ela germine, precisamos aprender a nos concentrar, a desenvolver essa capacidade indispensável de preparar o

terreno. É essa a primeira coisa que nós mesmos podemos fazer, sem depender de ninguém.

A prática de estar presente é lembrança de si. Em vez de ficarmos presos exteriormente, a atenção das funções volta-se para o interior, para um momento de consciência. Preciso reconhecer que não posso compreender nada se não consigo lembrar-me de mim mesma. Isso significa

lembrar-me de minhas mais elevadas possibilidades, isto é, lembrar o que acesso quando me volto para mim mesma sozinha. Lembrar de mim mesma significa também estar presente à situação, ao lugar, às condições, ao modo em que sou pega pela vida. Não há espaço para sonhar.

Talvez eu não chegue a um estado satisfatório. Não importa. O que importa é o esforço para estar presente. Não podemos sempre encontrar um estado melhor que traga um sentimento de algo novo. Sentimo-nos incapazes e concluímos que não existe nada permanente em nós em que possamos confiar. Mas isso não é verdade. Em um estado melhor, podemos ver que temos em nós mesmos

todos os elementos necessários para chegar a isso. Os elementos já estão aqui. Isso significa que as possibilidades estão sempre aqui, em nós mesmos.

O que está frequentemente faltando é saber o que quero. E é isso que mina a minha vontade de trabalhar. Sem saber o que quero, não farei nenhum esforço e adormecerei. Sem almejar uma qualidade diferente em mim, sem me voltar para minhas possibilidades mais elevadas, não terei



A iluminação é uma entrega sincera ao Eu real. Daksa se rende a Shiva. Dhruva Dasa (1985).

nada para me apoiar, nada para sustentar o trabalho. Devo invariavelmente, por muitas vezes, voltar a essa questão: O que desejo? Essa deve tornar-se a pergunta mais importante da minha vida. No entanto, esse desejo por uma qualidade diferente não tem nenhuma força se vier do meu "eu" inferior. Ele deve estar ligado a algo completamente diferente do meu "eu" costumeiro e livre do desejo de obter resultados. Não devo esquecer *por que* eu desejo. Essa deve realmente ser para mim uma questão de vida ou morte – desejo *ser*, viver de certa maneira.

O OBSERVADOR

Não vemos nosso estado de adormecimento. Nesse estado, pensamos trabalhar, pensamos: "Eu desejo estar presente". Mas o esforço para estar presente é algo muito diferente do pensar. É um esforço em direção à consciência. Temos de saber se estamos conscientes em um dado momento, e conhecer todos os graus dessa consciência. A presença ou ausência dela pode ser comprovada por um estado interior de observação.

Estou diante de algo que não conheço. Estou diante de um mistério, o mistério da minha Presença. Devo reconhecer que não posso conhecer esse mistério através dos meios usuais de conhecimento. Mas tenho de compreender, pelo menos intelectualmente, o que significa estar presente – isto é, estar presente não apenas com minha cabeça, minha sensação ou meu sentimento, mas com todos esses elementos da minha Presença juntos. E mesmo assim ainda não estarei verdadeiramente presente, mas, pelo menos, estarei procurando uma direção comum.

Quem está presente – quem está vendo? E a quem? O problema todo está aqui.

Para observar a nós mesmos, precisamos de uma atenção que é diferente da nossa atenção habitual. Empreendemos a luta para ficarmos vigilantes, para assistirmos – a luta do observador. Procuramos ter um observador interno que seja estável. Aquele que assiste é aquele que está presente. Só o observador é ativo. Todo o resto de mim é passivo. O observador deve ter uma impressão do estado interior

enquanto está tentando ver tudo ao mesmo tempo e ter uma percepção do todo. Temos de aprender a distinguir entre o "Eu" real, que não está em parte alguma para ser visto, e a personalidade, que toma a direção e acredita ser a única coisa que existe. Um tem poder sobre o outro. É necessário reverter os papéis. O perigo é que não vemos os papéis voltarem a ser como eram. Acredito que preciso prestar atenção quando, de fato, preciso ver e conhecer minha falta de atenção.

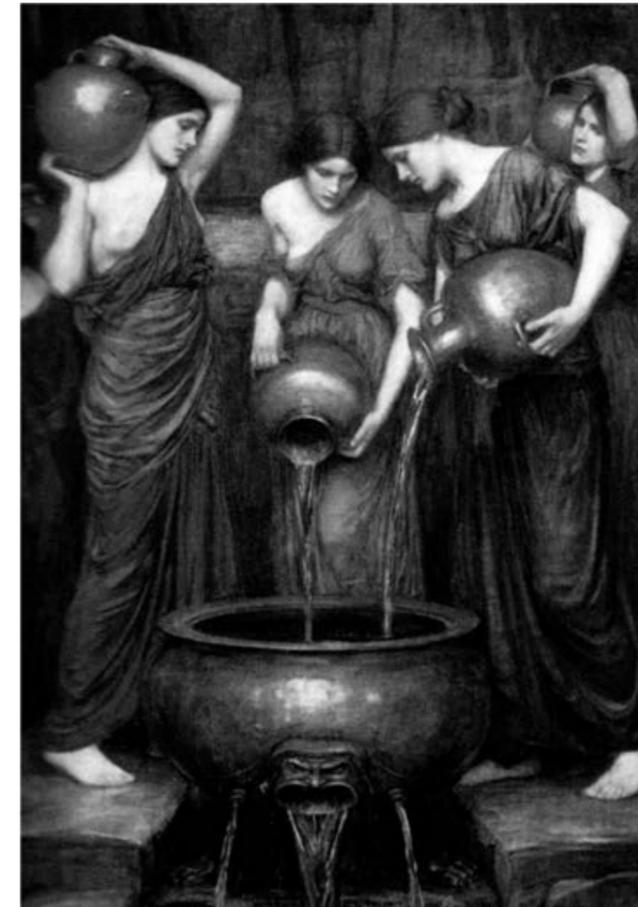
A observação de mim mostra-me como concentrar melhor e fortalecer a atenção. Ela me faz ver que não me lembro de mim mesma, que não vejo meu estado de sono. Estou fragmentada, minha atenção está dispersa, e não há força disponível para ver. Quando desperto, faço um esforço para desprender atenção suficiente para obstar essa dispersão, e vê-la. Esse é um estado mais voluntário. Agora existe um observador, e esse observador é um estado diferente de consciência. Tenho sempre de lembrar-me que não sei o que sou, que o problema todo é *quem* está presente. A auto-observação por meio de meu pensamento usual, com sua separação entre o observador e o que é observado, só vai fortalecer a ilusão do meu "eu" habitual.

Em certo momento, chegamos a ver dois aspectos, duas naturezas, em nós mesmos – uma natureza superior relacionada a um mundo e uma natureza inferior relacionada a outro, um mundo diferente. O que somos nós? Não somos nem uma nem outra – nem Deus nem animal. Participamos da vida com ambas: a natureza divina e a natureza animal. O homem é duplo; ele não é uma única coisa. Como tal, ele é apenas uma promessa de homem até que possa viver com as duas naturezas presentes nele e não se retirar em uma ou em outra. Se ele se retira em sua parte superior, fica distante das suas manifestações e não consegue mais avaliá-las; não conhece ou não experimenta mais sua natureza animal. Se ele escorrega para sua outra natureza, esquece tudo que não seja animal, e não há nada para resistir a isso; ele é animal... não homem. O animal sempre recusa o anjo. O anjo afasta-se do animal.

Um homem consciente é aquele que está sempre vigilante, sempre alerta, que se lembra de si mesmo nas duas direções e tem suas duas naturezas em constante confronto.

A grande amiga das gêmeas é a Compreensão, às vezes também chamada de Consciência. As irmãs sabem que, sem a grande presença dessa deusa, elas não podem se autorrealizar em sua plenitude. Quando a Compreensão se apresenta em sua grandeza, tanto nos maus momentos quanto nos bons, tudo corre como perfeitamente previsto. Se assim não for, as pessoas, ao passarem pelas travessuras das irmãs, se perdem, acreditando ser ou injustiçadas ou merecedoras. Coitadas das gêmeas! Com pesar, percebem que, sem a amiga querida – a Consciência –, elas são desprezadas, pois surgem revoltas, raivas e xingamentos contra a justiça da Desgraça e, por outro lado, há a total falta de reconhecimento quanto às benesses da Graça.

Há, porém, uma peculiaridade na majestosa beleza das duas criaturas: a Graça só se veste de branco, e a Desgraça, de preto; mas, por ironia do Destino, às vezes, as suas vestimentas são trocadas na calada da noite. Como as duas estão sempre apressadas com tanto divertimento pelo mundo e como adoram parar para prostrar-se com o Vento, que sempre traz as últimas novidades, as gêmeas não se dão conta da troca. Nesse caso, todos se perdem completamente, confundindo o direito pelo avesso, porque também se recusam a pedir ajuda à deusa Compreensão, que, quando solicitada, na verdade, só faz surgir aquilo que já existe em potencial, mas não é visto nem sentido e muito menos incorporado.



Só há um preenchimento real e verdadeiro. Tudo o mais é passageiro.
As Danaides, 1904 (John William Waterhouse).

O Vento, que tudo sabe, às vezes espalha o segredo das gêmeas, ou seja, tanto a Graça como a Desgraça são perfeitas e querem ser aceitas em sua magnitude. Não querem ser reduzidas à síntese, muito menos evitadas. Não querem ser confrontadas nem mantidas na linearidade. Querem, na verdade, que a deusa Compreensão também participe de tudo para que a verticalidade se faça. Elas sabem ainda que, *quando se faz a festa, faz-se a festa pra valer*. E para que o festim do Destino, do Tempo e da Transformação *se faça até o fim, devem ser incluídos o frete e a embalagem*¹, ou seja, tem-se de fazer surgir da potencialidade a terceira ponta da tríade perfeita.

Quando essas três rainhas são aceitas e respeitadas em sua plenitude, na dimensão do Tempo, todos

os pares de opostos – bem e mal, amor e ódio, erros e acertos, paz e guerra e assim por diante – podem ser vistos como acervo do *quantum* de vida de cada um de nós, como material de experiência e aprendizado desta vida.

Assim, levantei-me do café com uma estranha sensação de calma frente ao sofrimento pela impermanência. Ainda não sei o que o Destino me reserva na nova estruturação, talvez o Tempo me diga. Mas, pelo maior dos acasos, o Vento me assopra o suave perfume divino, dizendo-me que tudo está certo, porque o Eu se fez presente.

¹ G.I. Gurdjieff. *Relatos de Belzebu a seu neto*. São Paulo, Horus Editora, 2003, pág. 44.



IMPERMANÊNCIA

Maria Teresa Ribeiro Fortes

Depois de uma luta de seis anos, rendi-me ao mais forte: vendi minha casa.

Cada vez que entro nela, invade-me o prazer. O jardim está exuberante, sinto o perfume das madressilvas alternando-se com o das magnólias, das camélias e dos jasmims.

Não chorei enquanto assinava a escritura definitiva, queria sustentar o ar distante e discreto, mas um nó apertava a garganta. Tudo foi rápido e simples: assinei os papéis e recebi o comprovante do pagamento. Depois dos frios apertos de mão, saí da enorme torre de escritórios construída sobre o shopping center. Andei a esmo pelas alamedas de lojas elegantes e convidativas.

A emoção de perda e de impotência, porém, instalou-se pesadamente. Percebi que nada me levantaria naquele momento, nem uma bolsa nova nem um vestido novo nem nada mesmo.

Sentei-me num café e olhei o vazio, o nada. Com o tempo, a sensação aprisionante do corpo começou a me chamar a atenção. Obedecendo à paralisia do corpo, lentamente as perguntas começaram a surgir. Foi o destino que pediu essas correções no caminho? Quando o destino se alia ao tempo, a mudança se dá? Chegado o tempo certo, a estrutura se rompe para uma nova estruturação? Por que

não segurar todos os fios da teia de aranha da vida? Na realidade da vida, onde ficamos?

O diálogo entre o Destino e o Tempo é amistoso. Eles se compreendem muito bem. E quem sempre os acompanha é a grande dama, a Mudança ou a Transformação, também chamada vulgarmente de Morte, que serenamente acolhe a tudo e a todos, depois das brincadeiras do Destino e do Tempo. Com sua sabedoria, ela põe e dispõe, colocando cada qual em seu lugar, ela não se engana nunca.

Juntos, os três promovem festins e banquetes na vida alheia. Suas convidadas prediletas são as gêmeas - a Graça e a Desgraça -, que também pregam peças ao longo do Tempo e do Destino. As duas irmãs se entendem às mil maravilhas, apesar de a Desgraça adorar os tsunamis, os terremotos, os deslizamentos de terra, bem como os casamentos desfeitos, as demissões, as perdas de entes queridos, os negócios mal sucedidos, as falências, as doenças e por aí afora, e a Graça, por sua vez, adorar espalhar as suas benesses: o tempo bom e ameno, a chuva prazenteira e criadeira, o trabalho produtivo, a calma, o amor, a alegria, a saúde, o bem-estar, a criatividade... Assim, as duas irmãs brincam com tudo e com todos, alternando-se naquilo que cada uma delas acredita ser o melhor.

A REALIDADE FUNDAMENTAL

William Segal

(Do livro *Respirar o Instante* – Coletânea de textos – 1985-1997 – Horus Editora)



Interior da Abadia de Saint-Germain-des-Prés, Paris.

Existe um terreno do meio, uma Realidade fundamental que abarca o eu e o Eu.

Ela pode ser chamada a minha verdadeira natureza. Para descobrir o que me impede de experimentá-la, devo apenas olhar para mim mesmo, tal como sou.

É tão simples.

Neste momento, qual é o meu estado? Deixo a minha atenção abarcar o todo de mim mesmo, do alto da cabeça, através do tronco, o plexo solar, até a estrutura inteira.

Estou muito quieto no interior do meu corpo. Estou consciente da minha respiração. Observo o movimento dos pensamentos e das associações. As emoções se acalmam. A atividade da cabeça diminui. Percebo a totalidade do meu universo tal como ele é.

Permaneço muito quieto, recusando a tendência da mente para alcançar alguma coisa. Os pensamentos e sentimentos vão e vêm como nuvens flutuantes. Eles não são eu.

A experiência é, ao mesmo tempo, ativa e passiva. Através da sensação do corpo, experimento que eu sou. No entanto, não sei quem eu sou ou o que sou. Sou a testemunha de minha própria existência.

Estou consciente de um sentimento, uma aquiescência consciente. Estou muito quieto, relacionado com o silêncio que está, ao mesmo tempo, dentro e fora de mim.

Nada está faltando neste instante.

CONTATO COM A INTELIGÊNCIA

Fran Shaw, Ph. D.
(Notes on The Next Attention –
Dr. Michel de Salzmann – Indications Press)

Voltar-se muitas vezes, abrir-se para este fluxo pode ser o apoio para a vida.

Começar com uma sensação do corpo, depois da energia nele. O trabalho começa quando há contato com uma Inteligência. O resto é preparação.

Como passar da vida ordinária para essa sensibilidade, imediatamente, sem ponte nenhuma?

Estando realmente vazio. E silencioso.

Deixe o fluxo de Atenção permear, vivificar.

De algum modo – você transpõe. Você não sabe como, mas transpõe. Quanto mais contato, mais relação com Aquilo que é real, mais você deseja servir.

Não para ir contra alguma coisa, mas para chegar próximo. Para concentrar-se, alinhar-se. Onde está essa inteligência em mim?

Abrir-se para ela – muito naturalmente – não contra a mente ou os sentimentos, mas para a percepção de que eles não são a história toda. São sugestões de outra realidade.

Você tem estado nisso muitas vezes.



A partir daí, ao me relacionar com os outros, comecei a priorizar uma atitude interna de recuo, a procurar dentro de mim, mesmo em atividade, aquela zona de tranquilidade que encontro no meu peito quando me volto para dentro do meu ser. Foi mágico! Estava praticando a chamada consideração exterior, e essa atitude revelou-se como um jogo interessante pelo qual fui tomando gosto. Cada vez que me colocava no lugar de alguém com quem eu tinha um relacionamento, fosse ele superficial ou mais profundo, cada vez que focava, como se fossem meus, os vários atributos de uma pessoa quando estava diante dela, como idade, sexo, aparência física, histórico de vida, etc., enxergava um pouco mais o ser daquela pessoa e podia compreender melhor suas atitudes. Isso aconteceu até com familiares que sempre desencadearam em mim uma série de reações automaticamente explosivas, interna e externamente.

Com o tempo, a minha reatividade diante dos outros está ficando menor. Se mesmo com a prática da consideração exterior uma emoção mais forte se apresenta em determinados momentos, ela se desfaz tão logo apareça uma compreensão maior acerca daquele ser que está diante de mim. Comecei a perceber, entre outras coisas, que muitas atitudes que eu criticava em outros fazem parte do meu repertório de atuação no mundo, só que disfarçadas com outro nome. Assim, algumas pessoas começaram a funcionar como um espelho diante de

mim. O que eu criticava nelas eram facetas do meu “eu” habitual. Com isso, estou deixando de criticar, de culpar e de julgar os outros, mesmo quando a atitude deles levanta dentro de mim algum tipo de emoção mais forte.

O mais gratificante de tudo é que deixei de esperar que os outros ajam de forma diferente do que costumam agir. Eu perdia muito do “meu ouro”, ou seja, da minha energia de vida, discutindo com pessoas as atitudes delas, principalmente as que me envolviam. Assim, tornei-me capaz de vivenciar de forma mais destacada as circunstâncias desagradáveis quando estou em contato com os outros. Posso dizer uma coisa: tive um grande ganho com isso. Aquele espaço aberto, que eu alcançava quando estava recolhida, começou a aparecer nos momentos mais

diversos do meu dia, mesmo quando estou comunicando-me com pessoas que têm o dom de provocar as mais fortes reações dentro de mim. Sinto que abri o campo da minha consciência para além do meu “eu” habitual. A minha atenção deixou de ficar tão egocentrada, estou mais atenta às necessidades dos outros e a seus eventuais sofrimentos.

Os meus relacionamentos tornaram-se mais saudáveis, mais verdadeiros. E me sinto muito feliz com isso! A palavra que aparece é “liberdade interior”. Sem isso, somos escravos de tudo e de todos que estão ao nosso redor. A almejada dignidade humana é fruto dessa liberdade.



Vishnu sobre Garuda, sua montaria. Dhriti-Devi Dasi (1981).



A VERDADEIRA LIBERDADE

Maria Aparecida R. De Stefano

Naquele dia, cheguei em casa com uma sensação de exaustão. Sentia uma pressão na cabeça e o corpo tenso. Tirei os sapatos e me joguei numa poltrona. Vi a minha imagem projetada no espelho da sala e naquele momento ela me pareceu estranha. Fechei os olhos e olhei para dentro de mim. Revi o meu dia. A primeira sensação que me veio foi a de ter passado o dia sem respirar, mergulhada nas águas de um mar revolto no qual eu me debatia sem parar. Prisão foi a palavra que me veio à mente. E percebi que o sofrimento que via dentro de mim estava ligado à ideia que tenho do meu “eu”, isto é, de que eu sou aquele corpo projetado ali no espelho, junto com o movimento incessante que acontece dentro e na periferia dele: pensamentos, emoções, posturas corporais, além de tudo que se relaciona com minha fisiologia e sexualidade. Resumindo: concluí que o meu sofrimento estava ligado ao fato de estar identificada com o que costumo chamar de “eu”, esse “eu” que tem um nome, que vive neste mundo e interage com ele.

Continuei de olhos fechados e intencionei relaxar meus músculos e minhas articulações. Fiquei ali bem quieta, ouvindo as batidas do meu coração, sentindo o pulsar da vida dentro de mim. Alívio instantâneo! Depois de um tempo, um calor brando começou a subir pelas minhas costas e a se difundir por todo o corpo. Senti uma brisa suave soprando ao meu redor. Foi como se eu tivesse estado numa prisão, dentro de uma camisa de força e

de repente tivesse me libertado. Com essa sensação de liberdade, me vi num campo aberto, espaçoso, silencioso, amoroso. Senti um amor que se revelava como alegria suave, benfazeja, duradoura. O silêncio ficou tão palpável que vibrava ao meu redor, como uma música que vinha lá do fundo dos tempos, pura, original. Perdi os limites corporais e me senti flutuando no espaço aberto.

Não sei quanto tempo durou essa sensação de reencontro, de “ser único” e “ser parte” ao mesmo tempo, de ser ponto e imensidão. Quando abri os olhos, perguntei-me por que eu não visitava mais vezes essa zona de tranquilidade e quietude que existia dentro de mim. Uma resposta interna veio de imediato: “Porque a atração que o movimento da vida exerce sobre você é muito grande, e você se deixa levar por esse movimento, esquecida do seu lado quietude”. “Mas não dá para ficar o dia todo na quietude, dá?” – minha mente argumentou. E nessa hora me veio uma frase do livro *Fragments de um Ensino Desconhecido*,¹ que diz: “A identificação é o principal obstáculo à lembrança de si.” É isso mesmo! – pensei. O “si” é essa zona de quietude que existe dentro de mim e que posso acessar a qualquer momento, mesmo quando interajo com o mundo ao meu redor. Estou sempre esquecendo que sou esse espaço silencioso, porque vivo identificada com meu barulho interno.

Nessa hora, outra joia preciosa de que fala o Ensino gurdjieffiano surgiu em minha memória, um tema chamado “consideração exterior”. O que significa isso? Significa “colocar-se na pele do outro”. Percebi que grande parte do meu sofrimento advém do fato de que, revestida desta pele, identificada com meu corpo e suas funções, coloque-me sempre no centro de todas as situações. Vivo tentando parecer melhor que os outros; quero ser valorizada para que todos gostem de mim. Concluí que, se eu priorizasse a consideração exterior em minha vida, ficaria menos preocupada com o que os outros pensam e dizem de mim, e o jeito como sou tratada por eles. Pude ver que uma quantidade infindável de energia escoava para fora do meu ser de maneira totalmente improdutiva, porque levo muito em consideração a opinião alheia sobre a minha pessoa.

¹ P.D. Ouspensky. São Paulo, Editora Pensamento.



UM SOL INTERIOR COMEÇA A APARECER

Fran Shaw, Ph. D.
(Notes on The Next Attention –
Dr. Michel de Salzmann – Indications Press)

Até aqui tenho trabalhado em cima de condições. Agora, não há mais pretensões. Pode ser simples. Vejo que não pude entregar-me totalmente à experiência. Sinto remorso por isso. Não pude cair totalmente sob a influência da Fonte. E hoje, entendo isso.

Então posso continuar, simplesmente, deixando essa força, essa influência, trabalhar em mim. Posso estar confiante agora, porque essa compreensão está baseada em fatos.

Agora um sol interior começa pouco a pouco a aparecer. Pode irradiar.

Trazendo leveza de corpo, clareza de mente.
Trazendo luz a todas as células.

E começo a sentir minha responsabilidade.
Ficar alinhado com essa energia.

Praticar em respeito à Fonte. Não é a experiência ou o resultado dessa relação com a energia que importa, mas a relação com sua Fonte.

O aparecimento do sol interior. O nascimento de Jesus. Idade Média.

A ATENÇÃO DESPERTA ENERGIAS ADORMECIDAS

William Segal

(Do livro *Respirar o Instante* – Coletânea de textos –
1985-1997 – Horus Editora)

O papel do ser humano consciente é o de abastecer o mundo fenomenal terreno com as energias que, sem ele, não seriam efetivamente transmitidas para as criações e as unidades que compõem este mundo. Assim como o equilíbrio correto e a interação das energias levam à unidade, o Ser aparece quando a harmonia e o equilíbrio substituem o desequilíbrio caótico. O ser é o Universo sob o olhar de Deus.

A atenção é o meio essencial que revela ao homem as suas próprias energias adormecidas. Cada vez que se presta atenção ao estado do corpo, à interação entre pensamento e sentimento, há a intuição, ainda que tênue, de outra corrente de energia. Graças ao simples ato de estar atento, tem início um novo alinhamento de forças.

Manter uma atenção consciente não é fácil. O movimento, as obrigações da nossa existência cotidiana tendem constantemente a nos distrair. Desprovida de uma base de operações, sem uma morada em seu próprio organismo, a atenção se põe a serviço de pensamentos, sentimentos e apetites casuais que entram em conflito e se tiranizam uns aos outros.

A sensação de partes do corpo ou do corpo inteiro pode ancorar a atenção, fornecendo-lhe uma espécie de *habitat*. A estrutura, tornando-se mais sensível, ajuda a unificar a atenção, tornando-a menos propensa a se extraviar pelos canais mentais que consomem seu poder. Em contrapartida, as percepções mentais e as sensações são intensificadas, os *insights* multiplicados.

Abrir-se ao poder da atenção evoca uma sensação de inteireza e de equilíbrio. Pode-se vislumbrar a possibilidade de um estado de consciência infinitamente superior àquele do mecanismo reativo, uma consciência que transcende o modo de resposta sujeito-objeto automático.

Quando flui livremente, a atenção consciente exerce um efeito transformador que organiza e concentra os diversos ritmos dos centros em relação relativamente equilibrada. O pensamento, o sentimento e a sensação equilibram-se sob essa influência vibrante e harmonizadora.

A atenção é uma força independente, que não pode ser manipulada pelas partes que nos constituem. Purificada de todos os ruídos interiores, a atenção consciente é um instrumento que vibra como um cristal, em sua própria frequência. Ela está livre para receber os sinais emitidos, a cada momento, por um Universo criador em comunicação com todas as criaturas.

Entretanto, a atenção não é “minha”. No momento de sua presença, sabemos que ela não se origina inteiramente em nós mesmos. Estando sua fonte envolta em mistério, a atenção transmite energias de uma qualidade que a mente não pode se representar.

Devemos pôr-nos a serviço da atenção consciente, prepararmo-nos para seu advento por meio da imobilidade ativa.

Nos momentos tranquilos, livres de tensões, a estrutura do homem está aberta para fluxos de energia que estão habitualmente bloqueados. Essas energias, por sua vez, se fundem com materiais anteriormente recebidos, para servir ao Mais Alto em uma troca silenciosa, inexprimível.

“Salve, Ser Infinito Cheio de Graças.”

“Salve, Misericordioso.”

“Salve, Soberano.”

“Salve, Divino Suporte.”

“Salve, Divino Protetor.”

“Salve, Majestade Suprema.”

“Salve, Divino Criador.”

“Salve, Fonte de Luz.”

“Salve, Aquele Que Tudo Perdoa.”

“Salve, Senhor do Poder e da Inteligência.”

“Salve, Divino Doador.”

“Salve, Divino Provedor.”

“Salve, Aquele Que Tudo Ouve.”

“Eu Sou Rocha Segura.”

“Eu Sou Serenidade.”

“Eu Sou Luz, Calor e Vida.”

“Eu Sou Amplitude.”

“Eu Sou Calma Profunda.”

“Eu Sou Harmonia.”

“Eu Sou Plenitude.”

“Eu Sou a Harmonia da Plenitude.”

“Eu Sou Serenidade.”

“Eu não sou reativo. Eu quero meu emocional tranquilo.”

“Eu escolho um emocional tranquilo.”

“Eu quero um plexo solar relaxado.”

“Eu quero a Tranquilidade, estou largando.”

Na verdade, todos esses mantras são formas de entrar em contato com o Divino que existe em mim, de me lembrar que não sou só este corpo, só matéria, mas possuo algo mais precioso e encantador, uma Alma. Ao repetir o mantra, estou de alguma forma acionando essa parte em mim, tão esquecida. Pronunciar um mantra é lembrar-se de si mesmo. Uma fórmula simples, mas eficaz!



A FORÇA E A EFICÁCIA DOS MANTRAS

Maria de Lourdes Baptistella

O que é um mantra? O Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa define mantra ou mantram (do sânscrito) como: 1. Hino ou oração védica; 2. Conjuro verbal; 3. Encantamento ritualístico ou fórmula mística usada devocionalmente no hinduísmo popular e no budismo mahayana.

O Dicionário de Símbolos de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, pág. 589, define o mantra como: "Fórmula ritual sonora dada pelo mestre a seu discípulo no hinduísmo e no budismo, cuja recitação tem o poder de pôr em ação a influência espiritual que lhe corresponde. Ela permite entrar no jogo das vibrações que constituem o universo, segundo a cosmologia hindu, e participar na direção de sua energia. O símbolo toma aqui a força de um sacramento de comunhão com o cosmo."

E no Dicionário das Religiões de Marguerite-Marie Thiollier, Editora Vozes, encontramos a seguinte definição: "Palavra sânscrita que significa instrumento para trazer o pensamento. O mantra possui um poder mágico: é divino como o deus que ele exprime. O mantra, variando com as seitas, pode ser uma fórmula de consagração ou anátema (excomunhão) e materializa o poder da divindade invocada."

Numa definição mais simples, diria que o mantra é uma fórmula mágica que nos ajuda a sair do pensar habitual e corriqueiro e nos transporta para outro nível de realidade. Dentre os muitos mantras que aprendemos, três são os que mais me conectam com outro nível de realidade:

"Deus Santo, Deus Forte, Deus Imortal."

"Pai de Tudo quanto existe no Universo."

"Eu não sou o corpo, eu não sou minhas emoções, eu não sou meus pensamentos. Eu sou a Presença que percebe."

Essas pequenas fórmulas mágicas têm norteado minha vida e me dado momentos de muitas percepções. Farei aqui uma lista dos mantras que aprendemos para que você também possa usufruir dessas fórmulas divinas que acalmam a mente e o coração, abrindo caminhos para novas possibilidades de ser:

"Muito Santo Sol Absoluto."

"Nosso Pai Criador Comum."

"Nosso Soberano Eterno."

"Salve, Infinito Criador."

"Salve, Princípio Universal da Vida."

"Salve, Nosso Todo Misericordioso Criador."

A atenção não é apenas mediadora; ela é transmissora. Dando e recebendo, Deus fala ao homem. Recebendo e dando, o homem fala com Deus. Assim como a estrutura do homem necessita ser vivificada pela infusão de vibrações mais finas, essas mesmas vibrações exigem, para a sua manutenção, ser misturadas com materiais mais grosseiros. Sem a transmissão de energias em direção ao Alto, pela intermediação da atenção consciente, o Universo ficaria entregue à entropia.

No homem, a menor deformação de uma atenção equilibrada fecha essa comunicação em duplo sentido. Sozinha, a mente não pode mantê-la. Um corpo relaxado é também necessário.

A meio caminho entre o micro e o macrocosmo, o homem tem seu papel a desempenhar. O retorno ao corpo é um gesto de abertura para a atenção que, assim convocada, está pronta para servir a sua função cosmológica.



Ártemis localizada no centro de um grupo de animais selvagens. Esparta. ca.600 a.C.

CONHECIMENTO E AÇÃO

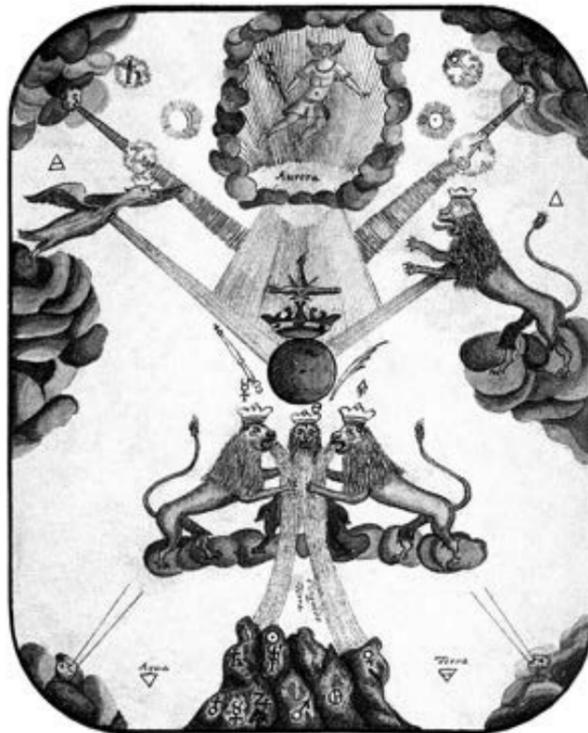
Thomas Cleary

(*The Book of Balance and Harmony* – North Point Press)

Conhecimento é o profundo conhecimento do princípio, ação é a prática poderosa do Caminho. O profundo conhecimento do princípio sabe sem ver, a prática poderosa do Caminho realiza sem lutar.

“Conhecer sem sair porta afora, ver o Caminho do Céu sem olhar pela janela” é profundo conhecimento. “Ficar cada vez mais forte, adaptando-se a todas as situações”, é prática poderosa.

“Estar cômico da confusão antes da confusão, do perigo antes do perigo, da destruição antes da destruição, da calamidade antes da calamidade” é conhecimento profundo. “Preservar o corpo



Do caos surge o bálsamo universal e o Mercúrio do universo.
Manuscrito alemão do séc. XVIII.

sem ser oprimido pelo corpo, agir na mente sem ser usado pela mente, trabalhar no mundo sem ser afetado pelo mundo, executar tarefas sem ser obstruído pelas tarefas” é prática poderosa.

Pelo profundo conhecimento do princípio pode-se transformar confusão em ordem, perigo em segurança, destruição em sobrevivência, calamidade em prosperidade. Pela prática poderosa do Caminho, pode-se trazer o corpo para o reino da longevidade, a mente para a esfera do mistério, o mundo para grande paz, as tarefas para grandes realizações. Quem pode alcançar isso a não ser aqueles com grande conhecimento e ação poderosa?

BREVE RETROSPECTIVA

Sonia Maria Corrêa

Após vários anos no TRABALHO, muitas vezes pensamos que “não saímos do lugar”, mas, se fizermos uma breve retrospectiva e compararmos a nossa compreensão atual com aquela que tínhamos quando aqui chegamos, concluiremos que “já demos alguns passos”.

Muitas frases aqui ouvidas eram inaceitáveis e hoje compreendemo-las perfeitamente.

Eis algumas delas:

Frase “choque”: “Sua alma vale mais do que seu filho”.

Frase estupefacente: “Você não é Um, mas uma multidão de ‘eus’”.

Frase inconcebível: “Você mente até quando quer dizer a verdade”.

Frase desmoralizadora: “Você não tem Vontade, apenas desejos”.

Frase injusta: “Só uns poucos podem evoluir”.

Frase revelação: “Você não é esse corpo físico, mas a PRESENÇA que percebe”.

E tantas outras... Ficavam ecoando na mente, batendo de frente com todos os conceitos que já estavam lá. Aos poucos, porém, a compreensão foi chegando e, então, surgiu a primeira oração espontânea e sincera: “Senhor, livrai-me de mim mesma”. E depois viria a GRANDE CONSTATAÇÃO pelas vivências: “BUSQUE O REINO DOS CÉUS E TUDO O MAIS LHE SERÁ DADO POR ACRÉSCIMO”.

Obrigada, MESTRES, obrigada, companheiros do TRABALHO!



Detalhe do quadro *A Ressurreição*, de Piero della Francesca.

a característica da Hidra interna, forte e invencível na escuridão do adormecimento, mas vulnerável à luz da consciência e ao ar que purifica. Enquanto Hércules tenazmente trava a luta na região escura e pantanosa do plano terrestre, não obtém sucesso, mas elevando com toda força o monstro acima da terra e expondo-o ao ar livre e ao sol, isto é, mudando-se para um plano solar de luz e consciência, adquire domínio sobre o monstro. Os desejos, quando submetidos ou transmutados à luz da razão e da consciência, ganham a devida justeza.

As perguntas surgiram claras: O que alimenta os desejos? Certamente, a falta de conexão com meu ser real.



Hércules e seu sobrinho Iolau lutando contra a Hidra de Lerna (Mitologia grega).

Como compreender esse sentimento de falta? Primeiramente tenho de reconhecer que esse sentimento está aí o tempo todo, pedindo atenção; depois, entrar em contato com ele com afeto, pois é uma energia de conexão estupenda. Faça amizade com essa energia! É sua vocação interior! Sua verdadeira Musa!

Um enorme sorriso interior se abriu no fundo do peito; senti-me encantada, grata não só aos antigos por deixarem essas 'pistas' de trabalho interior nos mitos, mas também aos Mestres desta Escola, por serem guias de nossa vocação mais refinada!

A CONFERÊNCIA DOS -PÁSSAROS

(Frases selecionadas do livro de Farid ud-Din Attar)



"A verdadeira beleza está escondida. Procura-a, pois, no mundo invisível. Se caísse o véu que esconde os mistérios dos nossos olhos, nada mais restaria no mundo. Todas as formas visíveis seriam reduzidas a nada."

"Não compreendes que quem quer que tenha nascido também tem de morrer?"

"Quem permite aos desejos que o dominem abafa a própria alma."

"Quem não tem aspiração jamais alcançará o reino sem limites."

"Se te consideras honrado pelo diamante e humilhado pela pedra, Deus não está contigo."

"Mantém-te dentro de ti mesmo e não deixes a vida exterior capturar-te."

"Se aquele que enveredar por este Caminho não se empenhar total e completamente, nunca se livrará da tristeza e da melancolia que o acabrunham."

"Quando se lhe revela claramente o mistério da essência dos seres, a fornalha deste mundo se transmuta em jardim de flores."

"O verdadeiro conhecimento torna-se propriedade do verdadeiro buscador."

"O verdadeiro conhecimento virá para quem se mantém acordado."

"Guarda bem a fortaleza do teu coração, pois há ladrões em toda parte."

"Quem não estiver imerso no Oceano da Unidade não é digno da raça dos homens."

"O homem vive num estado de imaginação, num sonho; ninguém vê as coisas como são."

"A gota que se torna parte do imenso oceano, mora lá para sempre e em paz."

"Quando a existência se vai, nem riquezas nem impérios, nem honras nem dignidades têm algum significado."

"O amor é o remédio para todos os males, e é o remédio da alma nos dois mundos."

ARTIGOS

- A Hidra de Lerna em Mim
- Breve retrospectiva
- A força e a eficácia dos mantras
- A verdadeira liberdade
- Impermanência
- Desvelando a natureza do feminino
- Pequenos comentários sobre frases de G. I. Gurdjieff
- Crônica anônima do século XVI

A HIDRA DE LERNA EM MIM

Mariett Regina Rozner

Alguns minutos depois de acordar, percebi que, já tão cedo, a respiração estava acelerada e uma trepidação crescente, vinda de dentro, se instalava nas células, na carne, no sangue. A agitação me esgotava. O desconforto na altura do plexo solar era imenso, semelhante a um navio naufragando num mar revolto por redemoinhos.

Não era só isso; o cerebelo, na parte posterior da cabeça, pareceu-me estar sendo perfurado por uma lança ardente; o anjo do Gênesis me indicava que fora expulsa do Paraíso interno.

Sentei-me lenta e cuidadosamente na posição de lótus para desacelerar todo esse processo interior e iniciar a prática matutina. Restabelecendo o contato com a coluna vertebral, verifiquei que havia partes tensas; chamei a Sensação, serva e guia confiável para esse trabalho. A Sensação é como uma mão sensibilíssima que apalpa e orienta, um raio-X instantâneo, misterioso, uma instância superior que sabe, experimenta. Logo a respiração, antes insatisfatória, tornou-se mais profunda, mas a exalação ainda era rápida demais. Levando a atenção para o plexo solar, surpreendi-me com uma pesada e estreita couraça que se estendia até o umbigo. A tensão também se instalara no mental; havia muitas vozes: comandos para fazer isso e aquilo rondavam minha mente com sentenças imperiosas. Muitos 'eus', famintos por fazer

não sei o quê, escondiam-se atrás de pequenas vontades, 'desejinhos' sem razão.

Compreendi que um Percebedor muito atento, abrangente e metucioso, perscrutava tudo por detrás da Sensação; nada lhe escapava. A atenção deslocou-se para o abdômen, que parecia estar enfaixado por uma malha constritora. Trabalhei repetidamente os músculos abdominais que se negavam a se soltar; só após relaxar os músculos por alguns minutos foi que o grande diafragma se expandiu, como que se espreguiçando para respirar livremente. Tudo no corpo respirava melhor; um calor benfazejo circulava pelo tronco e extremidades. Isso me trouxe um estado de amabilidade geral; a sensação foi de conforto físico, emocional e mental. Só então a respiração tornou-se profunda, preenchendo toda a região peitoral, acariciando o coração com afeto; a exalação, longa e lenta, esvaziava e limpava. As vozes imperiosas calaram-se como microfones desligados por mão milagrosa. Invadiu-me a vontade de colocar as mãos em concha sobre os olhos para mergulhar no silêncio, no nada que ampara. Obedeci submissa. Um alívio encantador banhou todo o meu mundo psicológico; toda preocupação, insatisfação e desconforto se desvaneceram; a Presença da Verdade tomou a forma e o conteúdo sereno do estado natural do ser, um estado de esvaziamento e plenitude.

Não tenho registro do tempo, o tempo cronológico não se encaixava nesse estado: era o que foi, o que é e o que será, fundidos num só. Meu ser não existia ali como algo morredouro ou nascido num corpo físico com um tempo de desempenho neste plano; não havia nenhum condicionamento, nenhuma prisão, era só Presença. O Milagroso se fez presente, tão leve como uma pluma, como um sopro perfumado de um mundo familiar que está sempre ao nosso alcance, mas que foi esquecido!

Um pensamento coerente com o Mito dos Doze Trabalhos de Hércules iluminou minha mente; este era o meu trabalho: transmutar a Hidra de Lerna interior que vive escondendo-se num pântano de desejos agitados. O pântano escuro é o atoleiro da nossa mente com seu fluxo ruminante; as cabeças reativas que surgem uma após outra representam os desejos incontroláveis: mal satisfazemos uns, surgem outros em seu lugar. Essa é